

ZERO



N.º 3 - ANO X - FLORIANÓPOLIS, 27 DE NOVEMBRO DE 1992 - CURSO DE JORNALISMO - UFSC

MEGAPROJETOS DESFIGURAM FLORIANÓPOLIS

E (quase) ninguém faz nada

Cumprimento

Cumprimentamos o Zero e toda sua equipe pela obtenção da quinta premiação consecutiva no 5º Set Universitário, promovido pela PUC-RS. O prêmio atesta a qualidade do trabalho desenvolvido pelos alunos e seus professores. Parabéns.

Prof. Antônio Diomário de Queiroz
Reitor da UFSC
Florianópolis

Dossiê Zero

De primeiro preciso cumprimentá-lo (s) pelo Zero e seu Dossiê, que recentemente capturei no sindicato e li com prazer. Os prêmios do Set Universitário traduzem o que a gente poderia dizer. Gostei muito da entrevista com o prof. Nilson Lage, mas espero que os companheiros tenham deixado algumas gotas de sangue na vítima. Um raro momento em que o crime, de extrair o máximo, compensa. Também muito bom, por completo, o dossiê, com informações inclusive daqui do RS, sobretudo sobre o rápido (vertiginoso?) crescimento da RBS. Enfim, a investigação foi valorizada e adquiriu a qualidade de única pois a devassa durante o episódio Collor teve a colaboração de muitos em vários veículos, enquanto que o estudo profundo (histórico) contido no dossiê somente vocês o fizeram. Haja seca... novidades poucas.

Faço free pro jornal de Uruçuai, um bisemanário, mas me divirto ainda com a gurizada nova que, por exemplo, recolhe cedo e me deixa sozinho assistindo o julgamento no qual 13 candidatos ao último pleito (11 à vereança e 2 à vice-prefeitura) foram impugnados pelo TRE. Só não dei o furo estadual por Uruçuai porque o jornal demorou dois dias para sair, mas terminei vendendo a informação no dia seguinte pro "monopólio", numa cena interessante vivida na RBS TV. Ao fazer a oferta, um antigo companheiro de trabalho foi verificar se tinha ou não a informação "neste que é o equipamento mais moderno atualmente no mundo". Só que a telinha mostrou que não tinha a informação... como sempre. Eles continuam investindo na mais moderna tecnologia e esquecendo que quem manuseia e comanda a coisa ainda é o homem.

Isso me faz lembrar o prof. Antoninho, que há muito tempo já me dizia que apesar de toda a mecanização, uma função seria sempre insubstituível, a do repórter. Mas isso é, talvez, tema para nossos ilustres acadêmicos.

Também faço free para Adjori, universo que pretendo conhecer com maior profundidade. De cara, verifiquei que enquanto temos 21 diários nas principais cidades do interior, temos 117 semanários e 38 jornais com outras periodicidades. Tema de estudo também. Aliás, a imagem que se tem é que existe uma forte e múltipla imprensa interiorana somente no RS e SP. Af em Santa a dificuldade em fazer a distinção começa pelo porte das cinco principais cidades, entre as quais Florianópolis, que parece não ser a maior, mais volumosa. Enfim, falta o traço divisorio entre capital e interior... mas isto é papo prouta cerveja. Abraços,

Sérgio Becker.
Jornalista
Porto Alegre

Apurar, apurar, apurar...

O sacrifício com que implantamos o Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da UFSC submeteu-nos a uma luta diuturna pelo resgate e preservação de todos os impressos que documentavam a história de Santa Catarina. Com muita disposição e luta, nós bibliotecários reunimos um precioso acervo que ao longo dos últimos 12 anos ensejou pesquisas e trabalhos inéditos.

O desaparecimento da única edição testemunhal de O Catharinense, denunciado pelo Zero, não se pode encerrar nessa reportagem. Habitualmente, a Seção de Coleção Especiais procedia levantamento do seu acervo visando a conferir o seu patrimônio, de forma a avaliar e tomar providência no tocante ao relacionamento de seu pessoal com o público usuário, o que me deixa confiante de que o trabalho que realizamos apresentou resultados eficientes, sem quaisquer motivos para esconder fatos que contrariassem a nossa filosofia de enriquecer as nossas atividades.

Diante da afirmação dos funcionários Valadares Alves de Oliveira e de Marlei Martins, de que o desaparecimento ocorrerá há três anos e que eu teria ocultado o fato, conforme consta em Zero, tomei a iniciativa de solicitar ao Reitor Antônio Diomário de Queiroz a abertura de inquérito administrativo para:

1) Apurar a responsabilidade do desaparecimento do exemplar;

2) Apurar a veracidade da denúncia formulada através do jornal Zero pelos funcionários Valadares Alves de Oliveira e Marlei Martins;

Estou certa de que o jornal Zero prestou importante serviço à comunidade ao denunciar ao fato. Mas causou-me estranheza, na visão de ética profissional, o interesse do autor da matéria em inserir o nome de meu marido, Laudelino José Sardá, enfatizando o cargo que ele ocupou no Diário Catarinense. Se houver intenção de estabelecer parâmetros para o leitor dispor de alternativas falsas para conclusões, só tenho profundamente a lamentar, pois sempre tive - e até que me prove o contrário sempre terei - o jornal Zero, o qual habituei-me a ler desde seu primeiro número, como um laboratório capaz de desenvolver profissionais no sentido de enriquecer ainda mais o mercado de jornalistas.

Espero, com desejos incontido, que o Zero continue refletindo a necessidade de a imprensa brasileira exercer o seu valioso papel em defesa dos direitos do homem amparados nos princípios democráticos.

Narcisa de Fátima Amboni,
Bibliotecária da UFSC
Florianópolis

RP ficou de fora

Foi realmente um erro de RP a Universidade não ter considerado a opinião pública na mudança de trânsito. (...) Lamentamos informar, que enquanto profissional da área, não fomos consultados para sugerir medidas de esclarecimento à comunidade universitária (...). O máximo que conseguimos, após várias tentativas, foi sensibilizar os responsáveis pela implantação do projeto para concederem uma entrevista coletiva à imprensa. Mesmo assim, houve resistências.

Paulo Fernando Liedtke
RP/UFSC

Ombudsman vê

Recebi exemplar do jornal Zero e me ocorreu perguntar-lhe se haveria interesse em um contato pessoal meu com o senhor e seus alunos para análise do jornal e também para um bate-papo sobre a imprensa em geral. Se houver interesse, posso consultar a direção da Folha para saber de sua disposição para custear a viagem.

Grato,
Mário Vitor Santos
Ombudsman do FSP

Zero (também) erra

"Jornal sem erro não é jornal" costuma dizer nosso ombudsman. Assim, ele avisa que o Zero deve fazer alguns reparos referentes à última edição. Primeiro: o editor se entusiasmou com recente premiação e nomeou, na capa, o Zero como heptacampeão. Perdão leitores: somos apenas pentacampeões, em dez anos de vida. Segundo: a página 7, nossa primeira experiência em editoração eletrônica, omitiu parte da última frase do texto *Imprensa catarinense fica de quatro*. A frase completa é "Em julho, a RBS, dona do Diário Catarinense, com-



prou o jornal de Santa Catarina." Ainda na mesma página, foi omitido o crédito do autor dos textos, Maurício Oliveira e, um perfil sobre o jornal O catarinense, que publicamos na página 5 desta edição. Afora estes pequenos deslizes perdoe algumas matérias publicadas em corpo 7 e 8, inaceitáveis para os padrões contemporâneos. Vamos em frente, que ainda restam dois números pra fazer.

Caminho de pedra

Caros amigos do Curso de Jornalismo,

Faz um mês que recebi um exemplar do Dossiê Zero-Oligarquias dominam rádio e TV em Santa Catarina. Senti-me na manhã de 26 de março, quando apresentei aos colegas o trabalho de conclusão do curso, sob o título *Conversa ao pé do rádio* - Os donos de rádio e TV em Santa Catarina. Graças à equipe de mais de trinta pessoas que assina a edição e outras citadas ou não no trabalho, estas informações chegaram a público.

O editor do Zero, professor Ricardo Barreto, foi generoso demais com o autor dos textos. Ainda não estou em condições de fazer uma reportagem decente na Alemanha. Tento aprender a complicada língua alemã e compreender o complicado povo alemão. Por enquanto, ganho o pão como diarista na roça, numa fábrica de sucos e vinhos de maçã e na construção civil. Nas horas de folga, viajo de carona por estas velhas terras ou ajudo meu anfitrião na caça. É meu estágio no Partido Verde Alemão - o uniforme dos caçadores é verde.

Reaproveito e aprimoro conhecimentos que meu pai me transmitiu em dez anos de roça, sentado no carro de boi, entre o engenho da cana e a casa. São lições do tempo em que a gente lá em casa sentia a dor de não ter nada, a mesma dor que levava meu tataravô, Johann Nicolau Hoffmann, do pobre Hunsrück (hoje sudoeste da Alemanha) ao Brasil, em 1861.

Escrevo este intervalo de vida com a enxada e a colher de pedreiro, porque ainda me faltam ferramentas para exercer aqui a profissão que aprendi nos bancos de escola e nas redações de jornais.

Olimpíadas, Expo 92, a Feira de Livros de Frankfurt, o plebiscito francês sobre o Tratado da União Européia, os muros nacionalistas em que esbarra essa União, o xenofobismo da Alemanha reunificada, a ditadura de Yeltsin na Rússia... são fatos dessa enorme realidade que me cerca e me fazem sentir a dor de saber quase nada.

Estou me preparando para sentar num dos bancos das superlotadas universidades alemãs - há 1,8 milhão de estudantes ocupando as 900 mil vagas. Sei que o caminho da burocracia é de pedra.

Agradeço a todos os colegas que me encorajaram para essa aventura. Eu procuro, pelo menos, realizar a segunda afirmação deste trecho do Fausto de Goethe:

Fausto: "Sinto a coragem de mergulhar no mundo, de carregar todas as dores e alegrias da terra".

Espírito da Terra: "Por que, em vez disso, você não luta para se tornar um Mensch - um autêntico ser humano?"

Abraços do
Geraldo Hoffmann
Jornalista
Alemanha



**Melhor
Peça Gráfica
I, II, III, IV e V
Set Universitário
Maio 88,
Setembro 89, 90 e 91
Outubro 92**

Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Arte:
José da Silva Júnior
Copy-write:
Professores Luiz Scotto, Ricardo Barreto, Gastão Cassel e Francisco Karan.

Diagramação:
Adriane Canan, Alexandre Gonçalves, Celso Gick, Joana Nin, Nelson Correia, Patrícia Jacomel, Rogério Mosimann e Victor Carlson.

Direção de redação e supervisão:
Professor Ricardo Barreto (MTb 2708/RS)

Editores executivos:
Alexandre Gonçalves, José da Silva Júnior, Nelson Correia, Rogério Mosimann e Victor Carlson.

Edição:
Adriane Canan, Alexandre Gonçalves, Celso Gick, José da Silva Júnior, Marque Casara, Mônica Linhares, Nelson Correia, Rogério Mosimann, Simone Fritsche, Victor Carlson.

Fotografia:
Ana Carine Montero, Cristina Gallo, Giancarlo Proença, Lauro Maeda, Pedro Melo, Sheila Deretti e Victor Carlson.

Laboratório fotográfico:
Ana Carine Montero, Cristina Gallo e Victor Carlson

Textos:
Alexandre Gonçalves, Cléia Schmitz, Diógenes Botelho, Ednéia Pavei, Emerson Gasperin, Ivana Back, Jaime Moraes, José da Silva Júnior, Luís Carlos Festl, Mariano Senna, Mônica Linhares, Nelson Correia, Sheila Deretti, Suyane Quevedo e Ulysses Dutra Netto

Acabamento e impressão:
Imprefar

Redação:
Curso de Jornalismo (UFSC-CE-COM), Trindade, CEP: 88045, Florianópolis/SC.

Telefones: (0482) 31-9215 e 31-9490

Telex e telefax: (0482) 34-4069
Distribuição gratuita
Circulação dirigida

Soldado de Hitler vira pacifista

Primeiro sargento do F urher diz que matança foi desnecessária

Hoje ele é um senhor de setenta e seis anos que mora numa pequena e aconchegante casa estilo europeu e tem como hobby, em sua pacata vida de aposentado, o cultivo das plantas do seu jardim. Cinquenta anos atrás, este mesmo homem lutou na Segunda Guerra Mundial como primeiro sargento das tropas nazistas, sob o impasse de matar ou morrer. Semblante tranqüilo em traços alemães, cabelos brancos que um dia já foram louros e olhos azuis que já vivenciaram terríveis cenas de agonia e violência humana. Este   Hirschmann — um homem marcado pela guerra.

Joachim Hans Emil Hirschmann nasceu em Berlim, Alemanha, em 31 de outubro de 1916. Filho mais velho de cinco irmãos, começou a trabalhar aos catorze anos como aprendiz de ferramenteiro. Não por necessidade, mas porque seu pai achava que daria mais valor aos estudos se tivesse que pag -los. Hirschmann conta que teve uma boa infância em Berlim, havia liberdade e bastante diálogo em sua família, que era contra a ditadura hitlerista. Em 1937 foi chamado para o exército, mas recebeu dispensa. Motivo: estudava engenharia mecânica. Em 40, já engenheiro, foi obrigado a servir. em 41, estourou a guerra contra a Rússia.

Contra a guerra - Hirschmann viveu a Segunda Guerra Mundial quase seis anos e meio. Cinco deles em combate na Itália e Rússia. Foi prisioneiro dos ingleses em um dos campos na Itália.

Apesar de ter o posto de primeiro sargento e receber muitas medalhas lutando pela Alemanha, Hirschmann afirma que é contra qualquer tipo de guerra. Diz que são fruto da ganância dos governadores e, por isso, não tem mágoa de nenhuma na o. Para ele, "todo povo é bom, é que estraga é a política". Sobre o nazismo, Hirschmann observa que "nem todo alemão   nazista assim como nem todo russo   comunista". Sobre sua posi o na época, é taxativo: "Se lhe apontarem uma arma e lhe mandarem tossir, você tosse".

Resistente em falar sobre a guerra por consider -la desumana, o ex-sargento de Hitler lamenta uma situa o em que os soldados são obrigados a matar pessoas que nem ao menos conhecem e tirar sem piedade a vida de pais de família para não serem mortos. Lembra com pesar algumas situa es que vivenciou durante aquele período, como a perda dos amigos, a prisão, o frio, a fome e a ideologia contra seu povo.

Quando esteve abrigado com outro soldado na casa de uma família russa onde havia uma mulher, um velho e também três crianças, ofereceu balas a elas que se recusaram a com -las, porque os russos garantiam que os alemães matavam crian inhas. Então Hirschmann comeu uma bala para provar que não faziam

mal. São então as crianças aceitaram.

Ele conta que foi ferido três vezes por granada e fuzil. Foram ferimentos na nuca, na vista e na mão, onde até hoje aloja uma bala não-retirada para não prejudicar seus movimentos. Mas o ex-combatente acha que teve sorte de não perder nenhuma parte do corpo e, o melhor, não perder a vida, como tantos amigos.

Gelo no sangue — Foram 24 horas de combate a uma temperatura de 52 graus abaixo de zero. Era preciso enterrar-se na neve, que tinha uma temperatura de 1 grau, para que o sangue não congelasse. Muitos soldados tiveram que amputar pernas e braços. Para ele

e três bolachas que não enchiam nem a palma da mão, acompanhadas de chá. Os prisioneiros recebiam o necessário em calorias para não morrer.

Banho s  de latinha e não dava para trocar de roupa. Para Hirschmann, o pior de tudo  a ficar na ociosidade, jogando cartas de vez em quando. Fumar, beber, s  vendendo os objetos pessoais. Apenas uma vez pode comunicar a seus familiares que estava vivo, e, o pior de tudo, não havia como fugir. Depois de três meses no campo de concentra o, foi mandado para Tarento, onde iria trabalhar em obras. L  ficavam em barracas de lona

com 16 homens. Mais tarde voltou a Bari para trabalhar como enfermeiro e motorista, era difícil escapar. Sobre sua fuga, Hirschmann não quer falar, diz apenas que "deu um jeito".

Fim do pesadelo — Terminados os momentos de terror, da guerra e da prisão, passou um tempo vivendo desregradamente e sem emprego. Em 1949 se casou e, em 52, veio para o Brasil através de um contrato de emprego trabalhar como técnico de ferramentas. Não conhecia nada do país e nem ao menos falava o português. Chegou na época do governo Getúlio Vargas e disse que havia boas leis trabalhistas "que não eram cumpridas". Em 57 nasceu seu único filho. Atualmente continua morando em Joinville. Gosta de viver aqui e expressa seu amor pelo Brasil onde está há 40 anos.

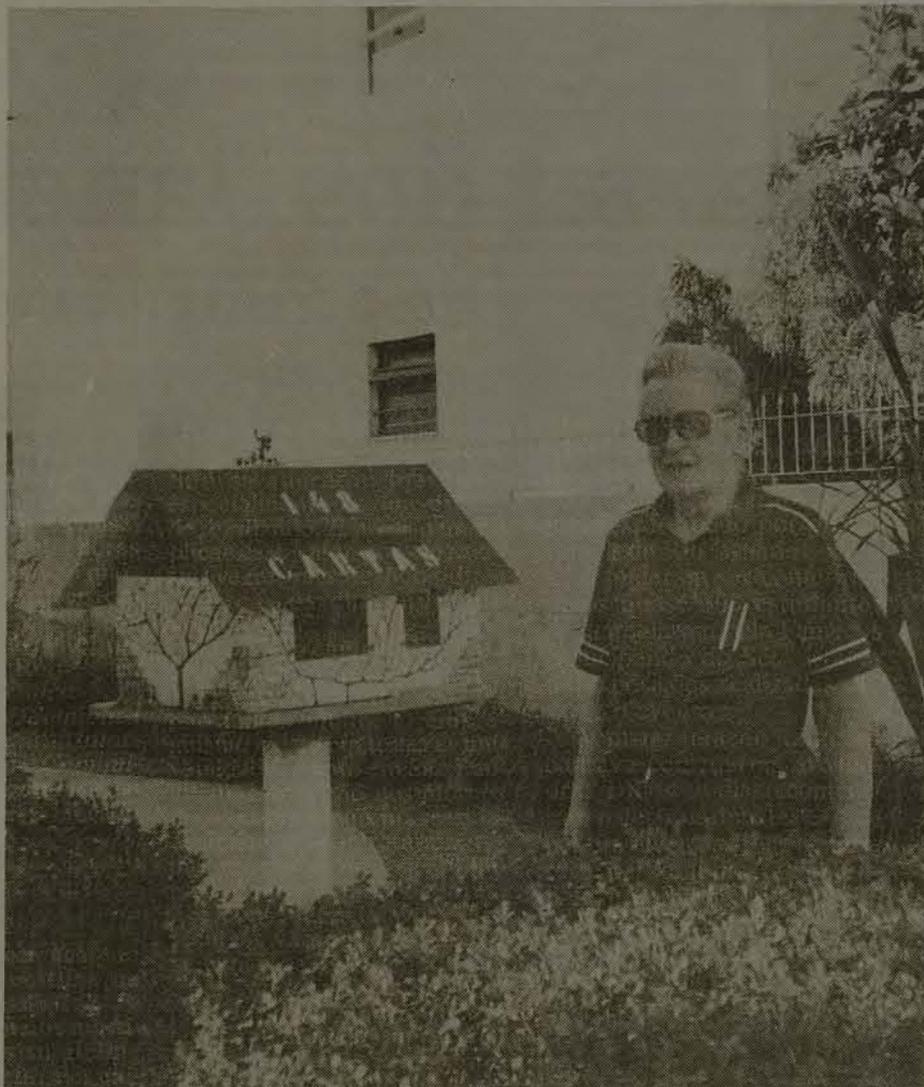
Conhecedor de onze países, aprecia o povo sul-americano pela educa o e delicadeza, características raras no alemão, que, segundo ele, é um povo muito frio, fechado e rude. Mesmo assim, não perde a oportunidade de criticar a falta de pontualidade dos brasileiros, qualidade dos alemães. Para o ex-sargento, "tudo fica mais fácil com pontualidade".

Aben oam canhões Hirschmann também possui uma visão muito particular da religião, apesar de sua forma o protestante. Seu Deus   a natureza, realidade que nos   visível, e o Sol, porque sem ele não sobreviver mos nem cinco minutos. Diante dos horrores da guerra, começou a desacreditar das religiões, que pregam não matar, mas abençoam canhões e tanques de guerra.

Nos piores momentos da luta, Hirschmann sempre foi otimista e acreditou que iria melhorar, lembrando inje es e calmantes a que seus colegas eram submetidos à beira da loucura. Para ele, "a vida é como o mar, tem altos e baixos, o ciclo pode ser longo, mas ninguém escapa".

Em 1982 Hirschmann foi para a Alemanha visitar familiares, mas não gostaria de voltar a morar l . Se tivesse que passar por tudo novamente, teria outra op o: "Eu ia para África, ia para o mato".

Sheila Deretti



Hirschmann: ferimentos de granada e prisão de 18 meses

este foi um dos piores momentos de batalha onde testou o limite das forças de seu corpo.

Hirschmann foi preso dois dias antes de terminar a guerra e, dos dezoito meses em que esteve prisioneiro dos ingleses relembra os três primeiros como os mais difíceis. Foi em Altamura, perto de Bari, Sul da Itália. Num campo de prisioneiros ficavam por volta de dois mil militares. Eram como galpões, não muito altos, "descreve" com janelas e por fora corredores". Eles dormiam todos juntos no cimento e recebiam duas refei es por dia. No almoço vinha sopa, que ele relembra, rindo, na composi o: 98% de água e os restantes dois por cento até hoje não identificados. A outra refei o era típica dos ingleses: cinco passas



Atuando em grupo, fazem ameaças aos motoristas na cara dos PMs

Criado cartel dos flanelinhas

Guardadores irregulares agem com a conivência da Polícia Militar

Trabalhando na surdina, os guardadores de carro estão se organizando. Fundada em julho de 1992, a União Catarinense dos Guardadores de Carro já conta com 290 filiados só em Florianópolis. O objetivo da entidade é orientar os guardadores para as leis de trânsito e preservar o direito dos proprietários dos veículos. Porém, toda essa organização não é suficiente para manter a paz nos estacionamentos públicos da cidade. Extorsão, roubo e vistas grossas das autoridades estão se tornando rotina de um território onde nem a polícia e muito menos a prefeitura ditam as normas.

O presidente da União Catarinense dos Guardadores de Carro nunca foi "flanelinha". Sentado em uma sala decorada com fotos de Gilberto Gil, Antônio Cabral dos Santos conta que a principal meta da União, no momento, é montar o sindicato da categoria para "defender os direitos dos guardadores e assegurar a tranquilidade dos proprietários dos veículos". A frustração de Antônio é a de ainda não ter conseguido alcançar a adesão dos 620 guardadores de carro existentes em Florianópolis. Além de líder dos "flanelinhas", Antônio acumula o cargo de presidente da União Catarinense dos Homens de Cor Negra.

"A situação dos guardadores atualmente é irregular, mas o policiamento faz vistas grossas", justifica Antônio. Ele diz contar com a colaboração do coronel Baloc da PM-SC e do delegado Schmidt, do 1º Distrito Policial de Florianópolis.

Revolta — "Esse cidadão é um mentiroso", afirmou o delegado Schmidt diante da denúncia de colaboração da polícia com a si-

tuação irregular dos guardadores. Ele afirma que precisam surgir queixas para a polícia atuar. O delegado conta que chegou a falar com Antônio:

— Eu falei com esse negão no Box 32, mas lá eu não trato desses assuntos.

No 4º Batalhão da Polícia Militar o clima de espanto era o mesmo. "Nós desconhecemos qualquer tipo de acordo, além do que a situação dos guardadores é irregular, eles não podem trabalhar", diz o comandante, tenente-coronel Gilberto da Silva.

Na impossibilidade da ação da polícia, os estacionamentos estão se tornando cada vez mais perigosos para os usuários, e isso não é de hoje. No dia 26 de dezembro de 1988, a dona de casa, Matilde Fiamoncini voltava das compras e dirigia-se ao seu carro estacionado em frente ao terminal Rita Maria. Foi surpreendida por dois homens armados, que roubaram seu carro e soltaram ela e seu filho no caminho para Itajaí. "Eu pensei que eles eram guardadores de carro", diz Matilde.

Maracutaia — O que a prefeitura arrecada em um mês com os estacionamentos públicos de Florianópolis, poderia ser a renda de um só dia de trabalho organizado. "A culpa da situação em que se encontram os estacionamentos é a falta de apoio que recebemos da Secretaria de Urbanismo", revela o chefe de administração dos estacionamentos públicos de Florianópolis, Zilto Izolino Perez. No dia 3 de novembro foi encaminhado à Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos (SUSP), um relatório explicando a situação atual dos estacionamentos e pedindo apoio técnico e financeiro para



Turistas e pobres dão as melhores gorjetas

uma reorganização do sistema. O pedido não foi atendido, pois de acordo com Zilto, a prefeitura não tem interesse em resolver o problema, ainda mais agora no final de mandato.

Outra reclamação de Perez é a política que envolve as questões de serviço público em Florianópolis, principalmente as concorrências. A última concorrência pública para a liberação de áreas para exploração de estacionamentos privados foi ganha pelo então secretário da Administração, Odilon Furtado (atual diretor da Comcap). "Ele sequer poderia participar da con-

corrência", afirma Perez.

Atualmente, está implantado nos estacionamentos em frente ao mercado público o sistema do cartão, o bloco de dez folhas custa Cr\$ 3 mil e cada folha equivale a uma hora de estacionamento. Mas, na prática esse sistema não funciona, o que vale é a gorjeta do guardador.

Flanelinhas — Enésio José da Silva trabalha a oito anos como guardador de carro e se diz satisfeito com o "cargo":

— Melhor que trabalhar de empregado.

Ele tira de Cr\$ 40 a 50 mil por dia e trabalha 12 horas. Ené-

sio conta que as maiores gorjetas são dadas pelos turistas e pelo pessoal da classe pobre. "Os ricos fecham a janela e saem fora".

Entre os guardadores de carro de Florianópolis, 90% são casados e tem filhos, sendo que a gorjeta do estacionamento é o único meio de renda dessas pessoas que moram, na maioria, nos morros do Mocotó, Mariquinha e Caixa D'Água. A formação do sindicato dos guardadores ainda é um sonho distante, e se depender da prefeitura este sonho nunca vai se realizar.

Diógenes Botelho

Zero provoca inquérito na UFSC

Acervo será recontado para investigação

A reitoria da UFSC abriu inquérito administrativo para investigar o roubo do jornal *O Catharinense*, o primeiro do estado, denunciado no último número do *Zero*. O único exemplar conhecido da primeira edição desapareceu há três anos do setor de Obras Raras da Biblioteca Universitária.

O processo deve durar cerca de um mês, a partir da nomeação da comissão que ouvirá os depoimentos dos envolvidos. A administração da Biblioteca, que solicitou a abertura do inquérito em caráter de urgência, interditou a seção de Obras Raras para que o acervo seja recontado.

A sala deverá passar por uma reforma para atender melhor as exigências de conservação das obras: a entrada da luz solar será diminuída, o condicionamento melhorado e mais obras serão mi-

crofilmadas. Está sendo planejada a criação de um laboratório de restauração exclusivo para o setor.

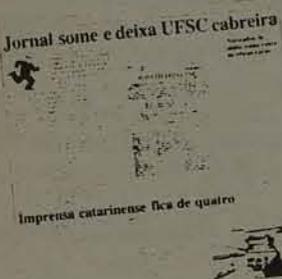
Todo o acervo da Biblioteca vem sendo prejudicado pelos roubos. Já houve casos, flagrados pela segurança do campus, de livros jogados pelas janelas (leia texto ao lado). A situação chegou ao ponto de serem encontrados entre as doações que a Biblioteca recebe, muitos livros que pertencem a ela mesma.

O vandalismo, outro problema sério, chegou a gerar uma mostra de livros mutilados. Os poucos funcionários que atendem ao público não conseguem fiscalizar todas as 3.500 pessoas que frequentam a Biblioteca por dia.

Com a instalação do sistema automatizado de consulta, prevista ainda para este ano, começa a ser cogitada a proibição do acesso às prateleiras. Nessa tentativa de preservar o acervo, os usuários escolheriam os títulos através de vinte terminais de vídeo.

A diretora da Biblioteca, Maria Ghizoni, diz que a falta de verba é a causa de todos os males, inclusive da pouca especialização dos funcionários. "Os baixos salários acabam afastando os profissionais adequados". Esse problema, o professor do Curso de Jornalismo, Sérgio Weigert, sentiu na pele quando quis saber se, *Fausto*, de Goethe, estava na Biblioteca: "Não sei... Ele trabalha aqui?", foi a resposta que ouviu.

Maurício Oliveira



Jornal brigou com o rei

O jornal *O Catharinense* foi fundado em 1831 por Jerônimo Coelho, insatisfeito pela demora com que as notícias chegavam em Nossa Senhora do Desterro — atual Florianópolis. O semanário pertencia à *Sociedade Patriótica*, organizada por liberais catarinenses que combatiam a influência portuguesa no governo. O primeiro número de *O Catharinense* circulou no dia 28 de julho, tinha seis páginas no formato 15x21 cm e foi vendido por 60 réis somente aos assinantes, já que não existiam jornalheiros.

Como a tipografia era uma atividade totalmente desconhecida na ilha, Jerônimo Coelho teve que escrever, compor e imprimir o jornal sozinho. Aprendeu estes ofí-

cios trabalhando no *Aurora Fluminense*, do Rio de Janeiro, um dos jornais com maior força política na época.

Capitão de engenheiros do exército, Jerônimo Coelho fez carreira também na política. Foi deputado da província de Santa Catarina por três vezes, ministro por duas e presidente das províncias do Pará e Rio Grande do Sul. Apesar de ter sido conselheiro da Coroa, revelou-se um opositor ferrenho da monarquia no editorial de lançamento de *O Catharinense*, onde chamou Dom Pedro I de "ingrato, estúpido, avarento e doido". Em 1832, o nome do jornal foi substituído por *O Expositor*, que teve curta duração. (M.O.)

Maurício Oliveira



Usuários, além de roubar, arrancam e riscam as páginas

Mau uso da BU piora serviço

Usuários deixam biblioteca de ponta cabeça

O setor de atendimento da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) deixa de atender por dia cerca de 30% das pessoas que lhe pedem ajuda por não encontrar os livros solicitados. Uma parte desses livros são retirados das estantes e abandonados em outro lugar da biblioteca. A maioria são obras que foram roubadas.

A facilidade que os estudantes encontram em furtar as obras é um dos problemas da BU. Eles jogam livros pela janela, escondem na roupa ou entre os cadernos e dependendo do tamanho levam até no bolso. Alunos já foram flagrados tentando roubar livros e por pouco não foram expulsos da Universidade.

Segundo a coordenadora do setor de atendimento, Sigrídi Dutra é difícil controlar o furto pois o número de funcionários é muito pequeno para uma biblioteca com cerca de 2.600 obras. Além disso, não seria uma atitude simpática revistar as roupas das pessoas para saber se estão levando algum livro. Sigrídi diz que algumas pessoas xingam o porteiro quando ele pede para abrir a bolsa.

Outro costume dos estudantes

que dificulta bastante o trabalho do setor de atendimento é esconder livros. Eles retiram a obra da sua estante e colocam em outro lugar para garantir uso exclusivo. Sigrídi concorda que o número de volumes de cada obra é muito pequeno em comparação ao número de usuários, mas lembra que a BU também precisa diversificar seu acervo comprando mais títulos.

Um terceiro problema que compromete o acervo da BU é a destruição de seus livros. É comum encontrar obras com páginas cortadas, riscadas e rasgadas. O mesmo acontece com fotografias e ilustrações. Às vezes elas chegam a ficar tão mutiladas que é impossível fazer a referência bibliográfica. Um aluno chegou a colocar parte de um outro livro no lugar das páginas que arrancou de uma obra emprestada.

Para se ter uma idéia da falta de cuidado com os livros basta visitar o setor de restauração da biblioteca. Há sempre uma média de dois mil livros para serem restaurados. Por dia, os seis funcionários que trabalham no setor consertam cerca de 120 livros. Conforme o encadernador, Osmar João Silvério, o número de obras que entra no setor é sempre maior que o número de obras que sai. O setor apenas faz reparos como costurar, colar, reforçar livros novos e substituir páginas rasgadas. Às vezes é preciso pedir xerox dessas páginas em bibliotecas de outros estados.

Algumas obras precisam ser restauradas em lugares especiais pois são muito delicadas. É o caso de obras raras muito antigas, que por terem um papel bastante sensível devem ser recuperadas em laboratórios, pois desmancham com o contato manual. Em Santa Catarina o único laboratório de recuperação de livros fica no Arquivo Público. Os custos com essas restaurações são grandes e com este dinheiro a BU poderia comprar livros novos tão solicitados por professores e alunos.

Algumas providências já foram tomadas pela administração para resolver os problemas com a destruição dos livros, mas vão exigir muita paciência. A BU aposta na conscientização dos leitores promovendo um concurso de cartazes sobre "Preservação do material bibliográfico". No próximo ano, será feita uma campanha de incentivo à leitura para que as pessoas aprendam a valorizar e conservar o livro.

Quanto aos furtos de livros, a solução definitiva seria a magnetização dos livros com a colocação de um ponto magnético em cada um deles. Um arco instalado na saída da biblioteca detectaria o ponto magnético dando um sinal cada vez que uma obra saísse da BU sem passar pelo setor de empréstimo, onde ela seria desmagnetizada. Mas, por enquanto, isso é apenas um sonho, pois os custos do sistema são também muito altos.

Cléia Schmitz

Libido esbarra no bolso

Nem a AIDS provocou crise tão grande

“A gente não quer só comer, a gente quer beber, quer fazer amor”, gritava o vocalista da banda Titãs em 87, época em que qualquer dono de fusquinha poderia ter acesso a um motel em Florianópolis. Hoje, os poucos que freqüentam as garagens dos motéis da cidade são “Santanas, Mercedes e Monzas”. E a grande massa, que quer comida e prazer sexual, está passando por maus bocados.

Os proprietários dos principais motéis da ilha estimam uma queda de 50% no movimento — causada pela crise econômica que afeta o país — e atribuem a culpa, com unanimidade, ao recém-destituído governo Collor. “Nunca chegamos a ter nossos negócios tão afetados”, diz Mauro Branzolin, proprietário do Motel Meimbipe. A área moteleira, argumenta, é como qualquer outra, e por isso está totalmente sujeita à recessão e à instabilidade do mercado.

Sílvio de Souza, proprietário do motel Dallas, do Candelabro e do Ele e Ela, que trabalha há mais de vinte anos no ramo, concorda, e diz jamais ter presenciado uma crise econômica tão forte. Para ele, a classe média foi a mais afetada, principalmente os funcionários públicos, “mais sujeitos

aos nocautes do governo”. “De um ano pra cá, os freqüentadores dos motéis têm sido quase que exclusivamente empresários e profissionais liberais”.

A verdade é que os lençóis de seda, colchões d’água, saunas e piscinas estão mais distantes do que nunca dos consumidores. E toda a infra-estrutura do prazer oferecida pelos motéis de Florianópolis virou sonho depois que os freqüentadores tiveram que encarar os preços dos apartamentos, que atualmente variam entre Cr\$ 80 e 150 mil, do mais simples quarto à suíte, com direito à sauna, piscina, banheira de hidromassagem e muito mais.

A debandada em massa dos freqüentadores levou os proprietários a apertarem os cintos e a adotarem novas políticas para poder driblar a recessão. “Temos que nos adaptar à baixa produtividade. Não se pode aumentar o preço, porque o consumidor não tem como arcar com ele”, coloca Mauro. A crise também obrigou o Motel Dallas a baixar o custo do apartamento simples em 20%. Mesmo assim, o proprietário Sílvio aposta na melhoria do serviço para manter os atuais freqüentadores. “No ramo de motel é preciso ter muito cuidado com a roupa e vestuário. Higiene é fundamental, principalmente depois que a Aids passou a ameaçar nossas vidas”.

O fantasma do vírus entretanto, não é encarado como causa da queda de movimento nos motéis. O proprietário do motel Dallas descarta totalmente essa pos-

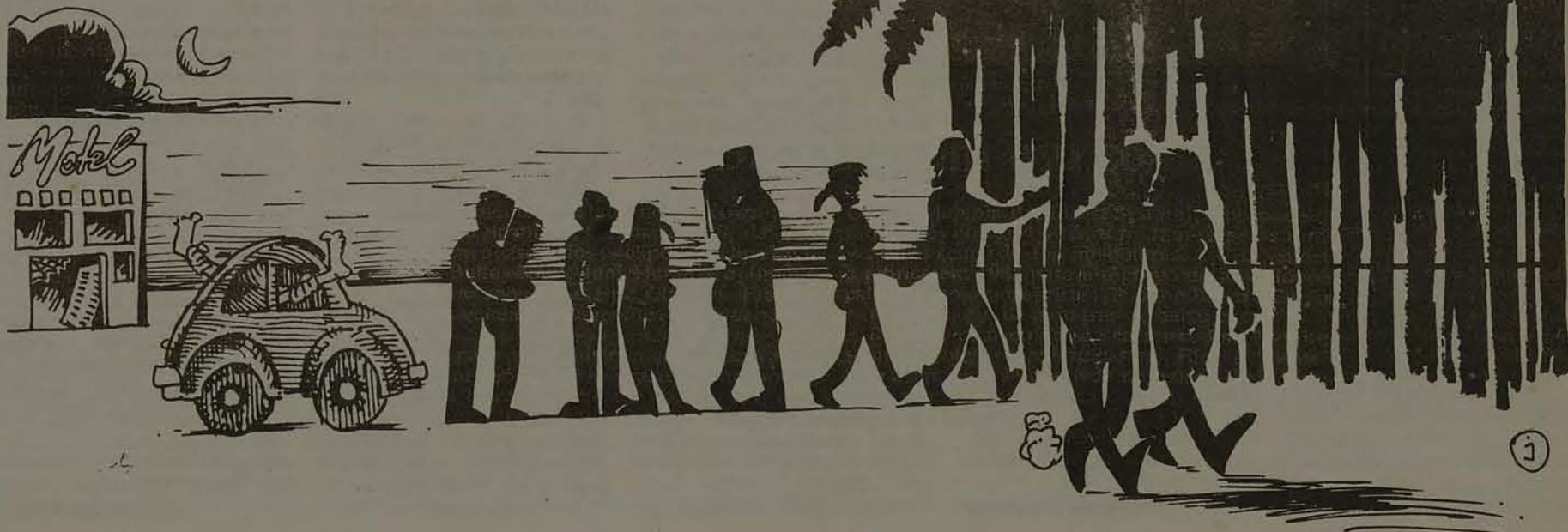
sibilidade e afirma que “o motivo é estritamente econômico”. Mas o sexólogo Nilton Ribeiro não pensa desta forma. Para ele, não só a Aids pode ser determinante da queda de movimento nos motéis, como a própria influência negativa da crise no libido das pessoas. “Quando alguém entra num ciclo de angústia, que pode ser causado por uma crise econômica, perde o desejo, e tende a ficar estressado. O stress diminui o nível do hormônio testosterona e faz com que o apetite sexual diminua ou desapareça”, explica, embasando a sua argumentação no ato de que em momentos de crise, a procura das pessoas por psicólogos ou sexólogos aumenta sensivelmente. Para Nilton, a classe média é a mais afetada nessas horas, pois percebe a perda substancial do seu poder aquisitivo. “Neste ponto, o homem é ainda mais atingido, pois não pode falhar na cama e nem nas contas. A pressão social é muito grande”.

Matinho — Se por um lado, os motéis foram extremamente comprometidos pela recessão, por outro, as agências de acompanhantes escaparam pela tangente. Karina, uma das sócias proprietárias da agência “Garotas Playboy” diz que chega a receber 50 ligações por dia, e que o mercado neste ramo é receptivo. Ela admite que há realmente, um problema de crise no país, mas

que só afeta a classe baixa e média. “Nossos clientes são em grande maioria políticos, empresários e profissionais liberais. Por isso, não estamos preocupadas”. A agência Tele-Gatos é outra da lista das invulneráveis com a condição do país. “Fundamos a agência a três meses, gastamos uma nota preta no investimento, mas já recuperamos o dobro e começamos a solidificar a nossa clientela”, se gaba André, sócio-proprietário. As pessoas que procuram os serviços da Tele-Gatos são quase que exclusivamente da classe média alta para cima. “Não é todo mundo que pode desembolsar Cr\$ 200 mil por duas horas”, admite André, apesar de achar que o preço estabelecido está abaixo do mercado.

Dentro de toda a situação gerada por uma economia em caos, quem sai perdendo mesmo é a classe média. “Vivemos uma crise emocional, devido a Aids, e uma crise financeira, devido ao Collor”, coloca Marcelo Cassetari, que não pisa num motel há dois anos. E o jeito para quem vive mesmo sem dinheiro é voltar às origens. “Fazer sexo no banco traseiro do carro, ou mesmo num matinho, nunca esteve tão em moda”.

Monica Linhares



Vaticano repensa seus dogmas e cai no ridículo



Dona Vera e motorista deixam um corno doido

Ele chorava e chegou a bater o seu fusquinha

O homem até parecia bom. Parecia, não. Era bom. Vá lá que não fosse bonito e bebia um pouco, mas não chegava a ser um cude-cana da cidade. Fumava sim, mas isso era algum defeito? O homem, coitado, não jogava e não era de procurar mulher fora. A bem da verdade, o coitado do homem não merecia ser corno. Mas foi, e dos mansos. Contamos pois, a história do torneiro corno.

No caminho de buscar o leite e voltar pra casa, Dona Vera, mulher do Seu Ruberval Pinto Teixeira — o torneiro —, passava todos os dias em frente a garagem do ônibus. Foi inevitável conhecer o motorista. De cabelo lambido, uniforme azul e branco bem passado, pente preto no bolso de trás e aquele crachá, sempre ali pregado no branquinho do bolso com o nome a profissão. Não era lá o capitão da adolescência. Mas quem disse que toda menina tem o mesmo sonho? Nem sempre o capitão é capitão e quando é, não precisa ser sempre o de água ou de ares. O dela era de ônibus.

O leite começou a ser pego no fim da tarde, mais precisamente na boca da noite, quando a vizinhança preparava a janta pro marido e assistia a novela das sete. Dona Vera passou a ficar mais doente do que de costume. Ia de ônibus todas as semanas buscar recursos no hospital da cidade grande. Dizia que ali os doutores não sabiam seu remédio. O marido não reclamava. Doença é doença. Primeiro a saúde, depois os prazeres.

E lá ia Dona Vera para Maracá. Ali em Rio das Antas todos pensavam que ela estava desenganada pelos médicos e que eles iam era comer o resti-

nho do capital que o torneiro adquirira. Na parada Dona Vera sempre sorridente, sempre arrumada, por que não é por estar doente que se desleixa. Não. Dona Vera botava saia preta com meia combinando e blusa de lã com colarinho de bijuteria que ganhara do marido. Hoje consulta, amanhã exames, depois mostra de exames e então a fuga. Depois deste dia nunca mais se viu Dona Vera, o motorista e o ônibus 236.

Desgraçaram com a vida do torneiro. O homem ficou meio doido. Largou tudo e foi atrás da mulher, do capitão-motorista e do ônibus 236. Só viu o carro encostado numa garagem, mas dos dois ninguém sabia o paradeiro.

Desgraçaram com a vida do torneiro. O homem agora vivia bêbado, largou a empreitada, bateu o fusquinha e chorava e babava. Gritava sempre ao meio-dia pela Vera. E nada da Vera.

E, assim, foram quatro meses. O torneiro vivia sujo, rosto vermelho da cachaça, continuava babando no volante e gritando sempre por sua Vera. Começou a buscar os prazeres de que tanto gostava na zona ali perto. O pouco dinheiro que tinha ficava no caixa daquele bar encardido.

Eis que num sábado à tarde, os homens reunidos no posto pra bater um papinho, chega o tal do corneiro, como o chamavam. O homenzinho se enfeza e bota uma cabeça de boi, inteira mesmo, com olho e aspa e prende no capô do carro e sai pela praça num grito só: "Eu só o rei. eu sou o rei. O rei dos cornos".

E, assim, o torneiro tornou-se rei. Tinha lugar no bar, na igreja, no posto e no campo. Pra todos era rei, rei de reinado curto, porque pouco tempo depois Dona Vera voltou e já tá até esperando neném.

Ednéia Pavei

É a chance que todos esperavam para criticar

O novo catecismo da Igreja Católica, aprovado pelo Papa João Paulo II em junho passado com o objetivo de adaptar os dez mandamentos ao mundo contemporâneo e deter a evasão de católicos, tem provocado mais discussões e piadas do que contribuído na renovação da fé proposta pelo Vaticano. As 400 páginas do texto resultaram de um trabalho de seis anos, baseado em sugestão de bispos de todo o mundo, que classifica os pecados em "toleráveis" e "intoleráveis" segundo os padrões da Igreja.

Mesmo nessa tentativa de atualização, o Vaticano se contradiz ao esbarrar numa das questões associadas ao pecado em seus dogmas: o sexo. Enquanto a Igreja insiste em fazer vistas grossas para as relações mais íntimas antes do casamento, o novo catecismo deixa passar como "toleráveis" a prostituição, a masturbação e o homossexualismo. O Papa convida ainda os gays a permanecerem castos, ou seja, alimentando apenas relacionamentos platônicos. Em troca, a Igreja lhes ofe-

rece "respeito e compreensão". Segundo o Vaticano, um casal que vive junto sem ter casado está em "pecado grave" junto com o divórcio e a pornografia. Para Reinaldo Gilli, pastor-responsável da Igreja Universal do Reino de Deus em Santa Catarina, o novo catecismo católico é "contraditório" em sua interpretação sobre o sexo: "Segundo a Bíblia, pecados como a masturbação e o homossexualismo são intoleráveis, pois agredem a natureza humana". Mesmo não estado ainda totalmente informado sobre o novo catecismo, o pastor arrisca uma acusação: "O Vaticano manipula os ensinamentos de Cristo segundo seus interesses e segundo as necessidades do próprio clero". Gilli insinua, com isto, que os padres teriam inclinações homossexuais, que seriam abrandadas com a masturbação.

Até a guerra é encarada agora pelo Vaticano como tolerável, com uma ressalva: "quando justa". A pena de morte também passa a ser vista de uma forma mais suave pela Igreja, que vê no cumprimento do serviço militar mais um "dever do cristão".

Deus muda de opinião - O padre Pedro José Koehler, vigário da catedral metropolitana de Florianópolis, considera o novo catecismo "oportuno e essencial" para a Igreja Católica sobre

pujar as religiões pentecostais, os cultos afro e o espiritismo. "Este trabalho é a prova da preocupação do Papa em manter a Igreja sempre atual, renovando-se constantemente", diz o padre, embora admite não dominar totalmente as reformas. Contudo, o pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Vanderlei Moraes, vê de outra forma esta "renovação": "Deus nunca muda de opinião, sua lei permanece a mesma, e ninguém na terra tem poder para mudá-la, avisa. Pecado, para o pastor Vanderlei, é a criação de uma lista com faltas toleráveis, "que poderá servir até de estímulo para práticas que, indiferentemente da opinião do Vaticano, continuam sendo crimes perante Deus", prega.

Os chamados "novos pecados" compõem quase que totalmente a lista dos "intoleráveis". Agora, leitura de horóscopo, mapa astral, superstições e espiritismo levam ao fogo e ao enxofre, mais por concorrerem com a Igreja Católica no mercado religioso do que por causarem degradação no espírito das pessoas. O aborto ainda considerado um assassinato, portanto um crime grave, ao contrário do suicídio e da eutanásia, promovidos para a lista dos "toleráveis" ao lado do item "matar em legítima defesa".

PC e Collor no inferno - Corrupção, especulação, suborno, estelionato e sonegação de impostos também comprometem a imortalidade, segundo o novo catecismo, que inclui tudo isto no oitavo mandamento: "não roubarás". Se a corrupção leva mesmo ao inferno, os dois assessores do Papa João Paulo II envolvidos na quebra fraudulenta do Banco Ambrosiano, em 1987, já estão condenados para o mesmo caldeirão que aguarda Paulo César Farias, o PC, e Fernando Collor de Mello, grande devoto de Nossa Senhora da Rosa Mística.

O narcotráfico, mesmo sendo a consequência do uso de drogas, garante aos traficantes um buraco mais profundo no inferno do que aos viciados, pelo novo catecismo, que condena inclusive a poluição ambiental. O padre Pedro acredita que o texto aprovado pelo Papa em junho, cuja divulgação oficial deve sair até o fim do ano, cumprirá seu papel de "guia para normas de boa conduta" aos 960 milhões de católicos espalhados pelo planeta. Resta apenas o Vaticano explicar como ficam aqueles que já morreram e que estão quemando por pecados considerados agora toleráveis.

José da Silva Jr



Megaprojetos turísticos beneficiam só a elite

Ecologistas e empresários brigam agora na surdina

A disputa entre os "Amigos de Florianópolis" e os do "Contra" está no intervalo para o segundo tempo. O jogo teve início em outubro de 1991 e até dezembro esteve bastante disputado, dando um grande espetáculo para os florianopolitanos. Mas com a chegada das eleições municipais ao estúdio, as atenções se dispersaram.

O "Amigos de Florianópolis" saiu com Paulo da Costa Ramos, Cacau Menezes, Fernando Marcondes de Mattos, Eduardo Ramos Gomes, Walter Koerich, Adroaldo Cassol, Fernando Demetri e Paulo Gil Alves. O "Contra" escalou Jeffrey Hoff, Rui Sulzbacher, Américo Tunes, José Truda Palazzo, Christian Caubet, Clair Castilhos, Victor Schmidt e Jalila Achkar.

Acompanhe os melhores momentos do primeiro tempo:

O "Amigos de Florianópolis" sai com a bola dividida em sete peças publicitárias. Nelas, a tática é a da comparação, onde Florianópolis foi associada a Ibiza (Espanha), Miami (EUA) e Acapulco (México). O "Amigos" chegou até a grande área do time adversário. Nesta parte do gramado, os "Amigos de Florianópolis" iriam construir a marina da Barra da Lagoa, o centro desportivo do Sesi, o hotel da Ponta do Coral, o Centro de Convenções do Parque da Luz, e duplicariam a Avenida das Rendeiras.

O "Contra" começa a reagir com Jeffrey Hoff, um dos jogadores mais marcados durante todo o primeiro tempo e chamado de "eco-chato" pelos adversários. Fazendo de tudo para impedir a duplicação a Avenida das Rendeiras, Jeffrey contou com o apoio da torcida organizada, a Amola (Associação dos Moradores da Lagoa). No dia 27 de outubro, a Associação reuniu mais de 150 pessoas numa passeata ao longo da avenida e carregavam faixas que diziam: "BR-101 nas Rendeiras? Queremos saneamento". Jeffrey também contra-ataca a construção da Marina da Barra. Ele alerta para a fragilidade daquele ecossistema.

O Procurador da República no Estado, Rui Sulzbacher, vai para a grande área dar cobertura a Jeffrey. Ele emitiu notificações judiciais contrárias aos projetos da Marina da Beira-Mar, do Hotel da Ponta do Coral, da Via Expressa Sul, do Tecnópolis (no Horto Botânico do Ibama) e do Centro Desportivo do Sesi. Foi então que começou o festival de palavrões.

Paulo da Costa Ramos, articulista do jornal O Estado, chama Sulzbacher de "energúmeno". José Truda Palazzo, coordenador da Secretaria Especial do Meio Ambiente, vem defender Sulzbacher e diz que a campanha dos "Amigos de Florianópolis" é um "relinchar de cafajestes". Paulo da Costa Ramos responde:

— Relinchar é preciso.

Depois de tanta discussão, o placar desse primeiro tempo é o seguinte: Os "Amigos de Florianópolis" ficaram de frente para o gol, driblaram o zagueiro e tiveram todos os projetos aprovados pela Câmara Municipal. Mas o goleiro ambientalista não deixou a bola passar pelo Ibama e pela Fatma e o jogo acabou empatado, sujeito a prorrogação.

Cristiane Cardoso

Imagine a Florianópolis do futuro. Voltada para o turismo, a Ilha teria tudo o que um visitante do Primeiro Mundo deseja. Só nos bairros de Coqueiros e Balneário haveriam duas marinas totalizando uma capacidade para 400 barcos de até 60 pés. Poderia-se desembarcar na parte insular através da quarta ponte, que ligaria a praia do Matadouro (Rua Fúlvio Aducci) ao começo da Avenida Beira-Mar Norte. Quem fizesse esse trajeto vislumbraria logo ao entrar na Ilha uma monumental marina, onde até 300 barcos estariam ancorados. Na mesma área haveria um *mart center* (shopping aberto), um restaurante, um minimercado, uma boate, uma uisqueria, uma oficina, um posto de combustível para barcos e outro para carros.

Saindo do centro e seguindo em direção as praias do norte pela SC-401, encontraríamos logo após o posto da Polícia Rodoviária, um fantástico clube de golfe. A construção estaria localizada no lugar de uma antiga criação de camarões. Onde antes só havia água e crustáceos, surge um lindo gramado de golfe com 18 buracos, mais um conjunto residencial e um hotel internacional. Em quase todas as praias estariam construídas marinas, assim como hotéis e *resorts*. Florianópolis talvez deixasse de ser apenas o pólo administrativo do Estado. Em consequência, poderia também perder as suas características de "Ilha da Magia". Só que isso não é mera imaginação. Faz parte de um futuro distante apenas dez anos.

Insistência Empresarial - Aos trancos e barrancos, empresários e órgãos governamentais vêm transformando radicalmente a cara de Florianópolis. Exemplos não faltam. Na década de 70, o grupo gaúcho Habitasul comprou uma área de 600 hectares em Ratonos, entre as praias de Daniela e Jurerê. O projeto era transformar o local em uma praia de nível internacional. Após disputas e desacertos entre ecologistas e o grupo gaúcho, o projeto foi aprovado. Hoje, 1008 lotes urbanizados, com 450 metros quadrados cada, formam a praia de Jurerê Internacional. Já foram construídas 346 casas, quatro edifícios e 29 prédios comerciais e de serviços no local. A Habitasul vai construir ainda, um hotel de nível internacional localizado na frente da praia e estuda um projeto de marina no seu terreno. Pelo ante-projeto o empreendimento ficaria dentro do mangue de Ratonos. A marina teria sua entrada na ponta da barra pelo rio Ratonos, onde seriam escavados canais de navegação. No total, a área do projeto é de 4,38 Km², igual a, mais ou menos, quatro projetos Tecnópolis.

Outro exemplo é o projeto Marina do Canal da Barra da Lagoa. Numa área de 150 mil m² a empresa Portobello, de Florianópolis, pretende construir um marina semelhante ao projeto da Habitasul. Com os canais criados, serão construídos dois grandes condomínios de atracadouros com 20 lotes residenciais cada. Também haverá um hotel de 60 apartamentos com restaurante, um supermercado, um centro comercial, um museu do pescador, um centro esportivo, um condomínio com 200 apartamentos e uma marina pública. O custo disso é de US\$ 25 milhões. Mas não é fácil o projeto começar a se tornar realidade. Desde ecologistas até os próprios moradores da Barra fizeram oposição ao empreendimento.

Para agradar a todos, a Portobello teve que alterar o seu projeto inicial e participou da modificação do plano diretor da Barra da Lagoa. Agora falta só a parte burocrática dos órgãos de planejamento municipal, Fatma e do Ibama para dar início às obras. "Essa construção deve demorar cerca de cinco anos para estar concluída. Levaremos, no mínimo, dez anos para recuperar nosso investimento. É uma questão de ideal e não de lucro", pondera Eduardo Gomes, diretor de projetos da empresa.

Esse "ideal" não está restrito à região da Lagoa da Conceição. A Portobello está envolvida em pelo menos mais sete projetos turísticos na ilha de Santa Catarina. Todos eles referentes à construção de hotéis e conjuntos residenciais



O ex-secretário Marcondes de Mattos vai investir 35 milhões de dólares no Costão do Santinho para dar conforto de 1º mundo aos turistas do Cone Sul



Serão escavados canais de navegação pra construir Marina da Barra



Projeto Marina Baía Norte: arquivado devido ao usucapião empresarial

nas áreas de praias da capital. A empresa quer criar uma rede hoteleira com quatro unidades em lugares diferentes: Ingleses, Lagoinha, Beira-Mar Norte e no continente - sem local específico. A primeira unidade deve começar a surgir no início de 1993. Trata-se do Hotel Porto Ingleses. Com US\$ 3 milhões serão estruturados 59 apartamentos de frente para a praia dos Ingleses, somando 6 mil m² de construções. "A intenção é ter toda a rede pronta em 10 anos", conta Eduardo. Outro investimento da Portobello será na área de conjuntos residenciais. Dessa vez serão três unidades em três praias diferentes: Portosol (Santinho), Porto Seguro (Canasvieiras) e Portofino (Ingleses) são as obras planejadas para execução simultânea também em 1993. Com características semelhantes, os residenciais poderão oferecer aos compradores o conforto de apartamentos com quatro quartos e 200 m² de área, além de piscinas e quadras poli-esportivas.

Prepotência Inexperiente - As histórias nem sempre tiveram finais felizes para os empresá-

rios. Mesmo com projetos de investimento que dariam para subornar um procurador-geral da República, os grandes empreendedores de Florianópolis às vezes esbarram na própria inexperiência. Foi o que aconteceu no projeto da Marina da Beira-Mar Norte. O escritório Biermann Arquitetos, mesmo sem experiência na construção de marinas, foi o escolhido para fazer o projeto. Então, numa região que vai da frente do Hotel Beira-Mar até o trapiche próximo ao Monumento do Soldado, foi previsto um aterro de 30 mil m². Seriam construídos aí um *Mart center*, um minimercado, um restaurante, uma boate, uma uisqueria, uma oficina náutica, um posto de combustível para carros e outro para barcos. Sem falar de uma marina com capacidade para 300 barcos.

Um consórcio formado pelas empresas Koerich, Kobrasol, Portobello e Cassol seria o responsável pela obra. O problema é que a legislação federal diz que o metro quadrado aterrado para uma construção particular tem o mesmo custo do metro quadrado do local da obra, no

caso a Avenida Beira-Mar Norte. Ou seja, os empresários teriam que pagar pelos 30 mil m² de aterro. Para driblar a legislação, os donos do projeto fizeram um contrato de comodato com a administração municipal. Assim, eles explorariam o local por cerca de 50 anos. Passado esse prazo, o terreno voltaria a pertencer ao município. Só que eles não contavam com a astúcia do procurador-geral, Rui Sulzbacher. Rui entendeu que, como o contrato era muito longo, os empresários fariam valer a lei do usucapião para se tornarem donos legítimos do local. "O empresário daqui é muito prepotente. Eles sabiam que não tinham experiência em projetos de marinas. Mesmo assim, não quiseram buscar informações sobre a legislação para esse tipo de construção", lembra Alfred Biermann, um dos responsáveis pelo projeto.

Outro problema para a Marina Beira-Mar Norte surgiu no Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF. Logo após a suspensão do edital de construção pelo procurador, o IPUF determinou o local mais adequado para



Canal da Barra: marina no lugar do camping

a construção da quarta ponte no plano diretor da cidade. E o lugar indicado é justamente onde está prevista a marina. A menos que fosse modificado o seu projeto, a Marina da Beira-Mar Norte estava inviabilizada. "Eles nem consultaram o IPUF sobre isso. Achavam que só o dinheiro bastava para tudo dar certo", desabafa Biermann.

Além deste, outros projetos irrealizáveis já tentaram ser viabilizados. O IPUF já recebeu ante-projetos de todo tipo. A Ceisa Empreendimentos, responsável pela urbanização da praia Brava, serve para ilustrar o caso. Ela já teve a intenção de construir uma marina no lado sul da praia Brava. Para isso, pretendia construir uma superbarreira de pedra para conter a entrada da corrente sul por aquele lado. Esta construção seria o complemento do hotel que a Ceisa vai incrustar naquele morro. Mas esse é só um dos casos. "Já vi projetos para a construção de um pier com um quilômetro de comprimento na praia da Joaquina. Será que a garotada do surf iria deixar a construção de algo assim?", questiona José Rodrigo Rocha, coordenador de planejamento do IPUF.

Detalhes Judiciais - Às vezes o projeto tem tudo para dar certo, mas por um pequeno detalhe ele pode ficar emperrado na justiça. É o exemplo do Parque da Luz, localizado na cabeceira da ponte Hercílio Luz. De propriedade da prefeitura, o terreno foi dado à empresa paulista Paulitec. Ela iria construir no local um hotel cinco estrelas e um centro de convenções com capacidade para até 1500 pessoas. Em troca, a Paulitec teria 9600 mil m², de um total de 37 mil m², para estruturar a nova sede da administração municipal. Antes do projeto ser executado, uma ação popular denunciou na justiça a diferença entre o preço do terreno e o custo da nova sede da prefeitura.

Em situação parecida está Adroaldo Cassol, proprietário da construtora Cassol. Ele tem um projeto para a construção de um centro de convenções com 30 mil m². O projeto foi aprovado pelo IPUF, pela Secretaria de Urbanismo, pelos órgãos ambientais etc. Localizado na parte continental, o terreno onde será erguido o centro fica ao longo da via expressa que leva ao Shopping Itaguá. Do outro lado da via existe um posto de combustível que está impedido de ter acesso ao trânsito da estrada principal por uma ação na justiça. Adroaldo teme que a mesma ação caia sobre o seu empreendimento, assim que ele estiver concluído. "Não posso começar

a construir algo que eu não sei se vai dar certo". Por isso não há previsão para o início das obras.

Praias, Marinas e Golfe - Mas também nem só de lágrimas é feito o sonho turístico dos empresários de Florianópolis. 750 mil m², dos quais 70 mil m² de área construída com 14 vilas residenciais, um spa, um centro comercial, um complexo esportivo com sete canchas de tênis, quadras de vôlei, campos de futebol suíço, um hotel internacional e até um centro de preservação ecológica confirmam um empreendimento que, do ponto de vista do projeto, deu certo. É o Costão do Santinho, um hotel residencial de 35 milhões de dólares, empreendido pelo ex-secretário da Fazenda de Santa Catarina, Fernando Marcondes de Mattos. A área total do empreendimento abrange quase todo o morro que divide a praia do Santinho e a de Moçambique. A taxa de ocupação dessa área não deve chegar a 10%. "O resto será intocável", garante Marcondes.

Hoje, o *resort* está com 15% do seu projeto concluído. "É uma construção que se autofinancia. Já estamos recebendo hóspedes, mas vamos demorar cerca de seis anos para terminar tudo", explica. Nessa etapa, o Costão do Santinho terá uma população de 2.000 pessoas, incluindo os funcionários. Na fase atual, o *resort* conta com cerca de 100 hóspedes durante todo o ano.

Inspirando-se nas construções da Costa do Sol (sul da Espanha) e na organização do Clube Mediterranê, Fernando Marcondes de Mattos espera trazer para a praia do Santinho turistas de todo o Cone Sul. Até a divulgação do lugar será feita de forma diferente. Em vez de usar veículos de comunicação de massa, o Costão do Santinho quer ficar famoso através de eventos como leilões, concurso de beleza e torneios esportivos.

O ex-secretário vê nesse tipo de empreendimento uma arma contra a favelização das praias. "Além de gerar empregos, iniciativas assim evitam a destruição da natureza. Não posso investir 35 milhões de dólares na destruição daquilo que é o meu negócio, a natureza".

Ele até já está cuidando de outro projeto. Trata-se de um clube de golfe, que será localizado em cima da criação de camarões na altura de Ratonos. Ainda em fase de viabilização no Ibama, o clube deve começar a ser construído no final do ano que vem. Está previsto no ante-projeto: um campo de golfe com 18 buracos no padrão internacional, mais um conjunto residencial com 700 lotes e um hotel também de padrão internacional. Tudo isso numa área de 2 milhões de m² e avaliado em US\$ 50 milhões.

Também com um projeto totalmente aprovado burocraticamente, o arquiteto Alfred Biermann pretende construir uma marina no continente. Com o nome de Marina Continental, o projeto é bem diferente da Marina Beira-Mar Norte. Localizada no bairro de Coqueiros, onde estava o restaurante Ataliba, a Continental terá uma área de 40 mil m² e capacidade para 300 veleiros de até 42 pés. Também está prevista a construção de hotel e apart-hotel. Dessa vez, Biermann não foi vítima da inexperiência. Antes de projetar a marina ele viajou por vários lugares. Foi ao Rio de Janeiro e percorreu toda a costa oeste dos Estados Unidos. Visitou inúmeras marinas, conversou com engenheiros e arquitetos dessas construções. Só depois disso que ele idealizou o projeto. Agora, com tudo pronto, está viabilizando financeiramente sua idéia. "Estou mantendo contatos apenas com empresários que não são daqui. Só estrangeiros e pessoas de outros estados". Biermann espera começar a construir na segunda metade de 1993.

Aos poucos, Florianópolis vem perdendo seu ar de natureza desprotegida. Expressa Sul, Tecnópolis, Marinas, *resorts* e clubes de golfe são nomes que até pouco tempo soavam estranhos aos ouvidos dos manés. Hoje, já são falados com mais frequência. A Ilha está mudando. Quais as consequências disso? Até agora pouca gente se preocupou.

Mariano Sena

O comércio de fitas-cassetes piratas vem se consolidando em Florianópolis desde o final do ano passado, sem que nenhum órgão ou entidade de fiscalização faça alguma coisa para combatê-lo. A maioria destes órgãos e entidades, ao que parece, está perdida entre a burocracia e preocupação em administrar o "aspecto social", evitando qualquer ação que prejudique o trabalho dos camelôs.

Para piorar a situação, o Conselho Nacional de Direito Autoral foi extinto quando o "ex-presidente" Fernando Collor tomou posse, em 89. O Conselho, formado por músicos radialistas, produtores, entre outros, era a única entidade com poderes para comandar uma campanha contra a pirataria. Em seu lugar, foi criada a Coordenação de Direito Autoral, um órgão sem a mesma força do Conselho, que há sete meses prometeu um ataque aos produtos piratas, mas que até agora não aconteceu. Pelo menos em Florianópolis.

Praticamente dado - Apesar de ter começado com os vendedores ambulantes espalhados pelo centro da cidade, a venda de cassetes piratas cresceu mesmo foi no *camelódromo* da rua Francisco Tolentino, graças ao preço das fitas que não chega a 30% do valor cobrado numa loja. "É praticamente dado", diz uma camelô que não quis se identificar. "E essa aqui é gravada em estéreo e tudo. A diferença é que na loja, quem compra não corre riscos".

Assim, como outras tantas mercadorias do *camelódromo*, as fitas cassetes também são compradas, por um preço quase irrisório, das lojas ou dos vendedores ambulantes de Ciudad del Leste, no Paraguai. Porém, alguns camelôs vão até São Paulo, onde compram, às vezes sem saber, as mesmas fitas vendidas na cidade paraguaia. A camelô Almerinda Saturnino Martins, de 34 anos, garante que a maioria dos consumidores prefere as fitas "paulistas". "Eu digo que é de São Paulo e a pessoa compra".

O número de fitas vendidas varia de camelô para camelô. Enquanto uns vendem quatro, outros conseguem vender até seis fitas por dia, sempre com uma boa margem de lucro. Seis fitas por dia, a Cr\$ 11 mil cada, podem render ao camelô, algo em torno de Cr\$ 1,7 milhão de cruzeiros por mês.

Dependendo da estação do ano, o faturamento pode até aumentar. O camelô Aldo Garcia, de 32 anos, acertou na mosca quando começou a

PIRATA

Com preço baixo e nenhuma qualidade, as fitas clandestinas têm seu sucesso abençoado pela falta de fiscalização



vender as fitas cassetes piratas no verão, aproveitando o intenso movimento de turistas. "Vendia mais ou menos 15 por dia, principalmente pros 'gringo'. E só saía fita de samba e carnaval". Com o fim do verão e a debandada dos "gringo", as vendas diminuíram e as fitas mais procuradas passaram a ser as de música sertaneja e vanerão.

Como toda falsificação vinda do Paraguai, as fitas pira-

tas estão sujeitas a vários tipos de defeitos. Os mais comuns são músicas pirateadas pela metade ou que nem foram reproduzidas. Aldo Garcia, mesmo sem nunca ter vendido uma fita "com defeito", aponta outros problemas. "Às vezes, a fita é muito pesada ou não roda direito". Quando o consumidor leva uma fita defeituosa para casa, não há com que se preocupar. Os camelôs garantem a troca

imediate.

Fora da Sintonia - No combate à pirataria, a participação do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD) é fundamental. Mas parece que a entidade anda meio fora de sintonia, pois o diretor do ECAD em Florianópolis, Volmir Barros, de 53 anos, não sabia que o Conselho Nacional de Direito Autoral havia sido extinto em 89. Menos mal que Volmir

conheça as funções da entidade que dirige.

O ECAD distribui o dinheiro que arrecada com a execução das músicas em rádio, televisão e shows ao vivo em bares e similares. Quanto à venda, a entidade não pode fazer nada, por enquanto. Segundo Barros, o ECAD aguarda a regulamentação de uma lei que lhe dará maiores poderes de atuação. De acordo com informações obtidas junto à Coordenação de Direito Autoral, existe um projeto tramitando no Congresso Nacional, que altera o artigo 184 do código penal.

Enquanto o projeto não é aprovado, o ECAD empurra para a Polícia Federal a responsabilidade de fiscalizar os direitos autorais sobre a venda de discos, CDs e fitas. Mas a Polícia Federal só age quando é requisitada pela Coordenação de Direito Autoral. Convocada, a PF pode enquadrar os vendedores de fitas piratas tanto por estelionato quanto por contrabando.

Mas os camelôs da Rua Francisco Tolentino não precisam se preocupar por causa dos produtos contrabandeados. A Polícia Federal não costuma dar batidas nos locais onde as "muambas" são vendidas. Conforme Ildo da Rosa, de 42 anos, chefe do Setor de Comunicação Social da PF, os policiais procuram recolher o contrabando no trajeto dos "muambeiros", na fronteira do Brasil com o Paraguai e nas BRs.

Cidade Limpa - Apesar do código de defesa do consumidor prever que os produtos alterados, falsificados, adulterados e fraudados são impróprios ao uso e consumo, o programa estadual de Proteção e Orientação ao Consumidor (Procon) não tem poderes para autuar os camelôs, nem se o consumidor levar o código debaixo do braço. O Procon só serve de "parte conciliadora" entre compradores e vendedores.

A Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos (SUSP), órgão da prefeitura que concede alvará aos camelôs, não se preocupa com a qualidade do produto que eles vão vender. Na questão das fitas piratas, a única coisa que a SUSP faz é manter a "cidade limpa" dos vendedores ambulantes que rondam pelo centro da cidade. Quando são pegos, estes ambulantes têm sua mercadoria apreendida não pela má qualidade, mas porque não tem permissão da SUSP. Como os camelôs da Rua Francisco Tolentino têm licença, podem vender qualquer mercadoria, verdadeira ou falsa, sem que sejam incomodados.

Alexandre Gonçalves

O gênio que não foi superado

Se estivesse vivo Jimi Hendrix completaria 50 anos no dia 27 de novembro. Mais de duas décadas após morrer, Jimi ainda está flutuando por aí, sua música e imagem estão mais acesas do que nunca em nossas memórias. Independente de estilos, ele se tornou o maior guitarrista do século.

Nascido em Seattle, nos Estados Unidos, James Marshall Hendrix, negro com sangue índio nas veias, ganhou a primeira guitarra elétrica de seu pai aos doze anos. Era canhoto e tocava a guitarra invertida. Jimi aprendeu a tocar ouvindo os discos de bluesmen como Muddy Waters e B.B. King, bem como de roqueiros como Chuck Berry e Buddy Holly.

Aos dezessete anos, alistou-se no exército e foi servir num grupamento de pára-quedistas, onde conheceu Billy Cox, baixista que viria a ser seu parceiro na futura Band of Gypsies. No seu vigésimo sexto pulo, Hendrix torceu o tornozelo e foi dispensado do Exército. Foi um a menos para matar (ou morrer) no Vietnã. Anos mais tarde comentou: "O exército é para quem gosta de receber ordens". Durante alguns meses, Jimi trabalhou em estúdios na região de Nashville, e, em 64, foi tentar a sorte em Nova Iorque. Nesse período, foi músico acompanhante da nata da música negra da época. Trabalhou com Wilson Pickett, Little Richard, B.B. King, Sam Cooke, James Brown e Otis Redding entre outros. James Brown, o *Mister Dynamite*, disse certa vez: "Hendrix já era um gênio quando trabalhou comigo".

Mas Jimi cansou de ser acompanhante e formou seu próprio grupo, Jimmy James and The Blue Flames, e passou a se apresentar nos bares de Greenwich Village, o bairro boêmio de Nova Iorque. No verão de 67, os Rolling Stones e os Beatles, entre outros músicos famosos, passavam sempre pelo *Cafe Wha*, onde Jimi se apresentava. O guitarrista chamou a atenção de Chas Chandler, ex-baixista do Animals, que o convidou para ir à Inglaterra e disse que o transformaria num pop-star. Chas construiu a imagem de Hendrix e lhe conseguiu dois músicos, Noel Redding, baixista, e Mitch Mitchell, baterista, que juntos ao guitarrista formaram o mais avassalador *power-trio* da história: o Jimi Hendrix Experience.

Estrelato - Do primeiro show ao estrelato passaram três meses, e ainda em 67 o trio gravou o primeiro LP, *Are You Experienced?*. O disco, que resumiu a Era Psicodélica, subiu logo nas paradas, o que levou o Experience a se apresentar pela primeira vez nos EUA, no Monterey Pop Festival.

Hendrix foi uma surpresa em Monterey, Brian Jones, um dos Stones, veio especialmente da Inglaterra, somente para apresentar o conjunto. No final da apresentação, Jimi ateou fogo em sua guitarra, que gemia as últimas notas de *Wild Thing*. Após o sucesso, também nos EUA, o Experience iniciou uma série de turnês na Europa e Estados Unidos e, em 68, foi lançado o segundo LP, o magistral *Axis: Bold as Love*.

Além da piromania, no segundo LP, Hendrix chamou a atenção para suas composições. Músicas como *Little Wing* e *Castles Made of Sand*, demonstravam todo o *feeling* e o lirismo de Jimi. Sem dúvida o ano de 68 foi o auge de Hendrix, mas nem tudo ia bem com sua banda.

Após uma série de shows insatisfatórios e brigas entre ele e Noel, aconteceu o inevitável: o fim do grupo. Quase simultaneamente, saía na Inglaterra o álbum duplo *Electric Ladyland*, que causou polêmica com sua capa que exibiu um grupo de mulheres nuas em pélo. Musicalmente esse LP mostrava-se distante da espontaneidade dos anteriores, mostrando loucos experimentos de estúdio e devastadoras *jams* ao lado de Stevie Winwood, Jack Casady e Buddy Miles. Na ocasião o disco foi incompreendido, mas o tempo mostrou que Hendrix mais uma vez estava adiante de seu tempo.

Em 69, Hendrix foi um deus em Woodstock, mas a frustração com a sua nova Band of Gypsies foi tanta que ela se desfaz após dois shows e Jimi parte então para seu projeto maior: a construção do seu estúdio *Electric Ladyland* e a gravação de um novo LP, *Cry of Love*. Infelizmente não pôde usufruir muito de seu estúdio. Morreu na manhã do dia 18 de setembro de 1970, afogado em seu próprio vômito após dormir sob os efeitos de barbitúricos.

Vinte anos depois, James Marshall Hendrix se recusa a descansar em paz. Sua vida e obra permanecem vivas naqueles que incorporaram suas lições e as reinterpretações de suas músicas.



Mesmo canhoto, Jimi Hendrix reinventou as técnicas da guitarra.



Ousado, tocou de costas, com a língua, com maestria

Jimi e a *Strato* eram um só

Ela é amplamente escutada no funk, country, rock, reggae e no blues. É uma estrela da TV, aparecendo em quase todos os cliques. Ela liga Buddy Holly a Buddy Guy, Jimi Hendrix e Jimmie Vaughan, Eric Johnson e Eric Clapton. Ela é a guitarra mais vendida atualmente - a *Fender Stratocaster*.

Projetada para substituir o modelo *Telecaster* da Fender em 1954, a *Stratocaster* se tornou a guitarra mais famosa da música popular dos últimos trinta anos. Quem inventou seu nome foi Don Randall, então chefe do departamento de vendas da Fender. Randall era também piloto de avião e escolheu o nome *Stratocaster* numa alusão à aviação dos anos 50 e aos primórdios da Era Espacial.

Em 1965, a Fender foi vendida à companhia

CBS (Columbia Broadcast System), e os modelos fabricados entre 54 e 65, tornaram-se peças raras vendidas acima de dois mil dólares. A CBS vendeu a fábrica em 1985 para um grupo de investidores californiano, que abriram filiais no Japão e Coreia para fabricação de guitarras de baixo custo.

Desde o começo de sua carreira, Jimi Hendrix sempre preferiu as *Stratocasters*. Ele e a "Strato" formavam uma só entidade no palco. Jimi levava treze modelos nas turnês e, além delas, possuía diversas Gibson Les Paul e Flying V, Rickenbackers de doze e seis cordas e alguns baixos Fender Precision e Hagstron de oito cordas, que usava nas gravações de estúdio.

Ulysses Dutra

INTONIA

Alexandre Gonçalves

União-FM inspira RBS

Muitos ouvintes ficaram sem ter opção no "dial", depois que a Rádio União FM de Florianópolis foi arrendada no fim do ano passado, por 5 anos, para a Total Comunicações de Novo Hamburgo (RS), dona da Alegria FM. A programação da União era diferente das outras FMs da capital. Era eclética, com qualidade, tocando do blues ao rock, do jazz ao reggae, do clássico a MPB.

Agora, as duas FMs do grupo RBS (Rede Brasil Sul) estão tentando conquistar o público órfão da União, modificando suas programações, com idéias que lembram o estilo da extinta rádio. Primeiro, desde outubro, a Itapema (93,7 MHz) passou a tocar músicas internacionais e não só o "som Brasil bonito", colocando no ar um programa de jazz (Aqui jazz, domingo, às 19 horas) e um outro (Itapema Especial, sábados, às 19 horas), onde artistas, como a cantora Sarah Vaughan, soltam seu vozeirão durante uma hora. Além disso, a Itapema contratou Tabira Estevão, um dos locutores da rádio União. Coincidência?

Já a Atlântida (100,9 MHz), em novembro abriu espaço para programas segmentados no horário da noite, outra boa idéia tirada da programação da União FM. Essa é mais uma prova da caçada aos ouvintes da União. E junto com os programas de surf e surf-music (Parafina, segundas, às 20 horas) e de reggae (Reggae Jah, quintas, às 22 horas), veio o espaço alternativo mais autêntico que Florianópolis já ouviu, inclusive na União FM: o Sincronia Total.

Depois de uma curta temporada na Antena 1, onde modificaram o estilo do ST para ocupar cinco horas de duração aos sábados, Pena e Zeca, produtores e apresentadores, estrearam na Atlântida, dia 4 de novembro, retomando a proposta inicial do programa: duas horas de duração, uma vez por semana (quartas, às 22 horas), em sincronia com todas as tendências do rock'n'roll. Credenciais não faltam ao Sincronia Total. Afinal, são mais de oito anos no ar. Agora é só esperar que a Atlântida não puxe o freio de mão.

Paciência tem limite

Numa homenagem aos 30 anos dos Beatles, a rede Transamérica FM (101,7 MHz) levou para todo o Brasil, diretamente de seus estúdios em São Paulo, um show com diversos nomes do rock brasileiro, que prestaram o desserviço de estraçalhar uma porrada de canções do Fab Four de Liverpool.

A Transamérica merece ficar de castigo, ouvindo sua programação, por ter convidado a obscura banda de "rock carioca" Inimigos do Rei. A banda com sua "eloquência vocal" fez uma versão em português de Octopus's Garden, para falar, vé se pode, do Collor, do PC e dos jardins da Casa da Dinda. Isso é o que pode se chamar de "homenagem da onça". Sem contar o trágico final, com todos os convidados se revezando nos vocais para cantar, emocionados e desafinados, All you need is love. Mas nesse caso o que todos os ouvintes precisaram não foi de amor. Foi paciência, muita paciência.

Falando nos Beatles...

No dia 31 de outubro, a rádio Antena 1 FM (92,1 MHz) colocou no ar um especial com a banda americana The Monkees. Mas o que isso tem a ver com os Beatles? Tudo. Os Monkees foram criados por uma rede de TV americana para estrelarem uma série, nitidamente inspirada no primeiro filme dos Beatles, *A Hard Day's Night*. E os Monkees não imitavam só as "gags", mas também o som, meio medíocre em relação ao original, porém agradável de ser ouvido. Foi bacana escutar *Last train to Clarkville* e o tema de abertura do seriado numa emissora FM de Florianópolis. Coisa rara de acontecer, que só mesmo a Antena 1, com sua "programação suruba" (toca de tudo) foi capaz de cometer.

Versões de músicas estrangeiras poluem paradas de sucesso

Até Jimmy Cliff é "traduzido" pelas duplas sertanejas

Os beatlemaníacos devem ter ficado com o estômago embrulhado ao verem a Angélica no Fantástico, cantando (?) *Quis fazer você feliz*, versão de *If I feel*, do terceiro LP dos Beatles. Isso mostra que suas músicas ainda são a matéria-prima preferida pelos compositores tupiniquins para manter uma das tradições da música brasileira nas paradas de sucesso: as versões de músicas internacionais.

Basicamente, fazer uma versão significa adaptar uma letra em português, no caso do Brasil, para um sucesso estrangeiro. Seria quase uma tradução, mas as letras das versões não costumam seguir o sentido original da música. Isso dá aos compositores liberdade para colocarem sua criatividade em funcionamento, o que pode resultar num achado, numa barbada ou num golpe oportunista.

As versões ajudaram a popularizar o rock no Brasil, ainda nos anos 50, mais precisamente em 59. Cely Campello, então com 16 anos, gravou *Estúpido Cupido*, versão para *Stupid Cupid*, de Neil Sedaka. A música, primeiro sucesso de Cely, abriu as portas das gravadoras para o rock cantado em português, já que até então, os poucos roqueiros brasileiros gravavam as músicas na língua original. Com o estouro de *Estúpido Cupido* vieram outras versões de sucesso: *Diana*, com Carlos Gonzaga, e *Ritmo da Chuva*, com Demetrius.

Lenda

Passada essa primeira fase do



Cely abriu portas para o rock

rock brasileiro, as versões voltaram a consagrar novos artistas na Jovem Guarda. O principal deles talvez tenha sido Renato e seus Blue Caps. A banda ganhou fama com um repertório baseado em versões de músicas dos Beatles, transformando por exemplo, *I should have known better* em *Menina Linda*; *You won't see me* em *Até o fim*; *All my loving* em *Feche os Olhos* e tantas mais.

A mania de fazer versões dos Beatles, que continua até hoje, não impulsionou só Renato e seus Blue Caps. O "galã" Ronnie Von chegou ao sucesso com *Meu Bem*, versão de *Girl*, do disco *Rubber Soul*, lançado pelos Beatles em 66. Diz a lenda que Ronnie Von fez sucesso com *Meu Bem* antes do lançamento de *Rubber Soul* no Brasil. Resultado: quando o disco chegou, muita gente pensou que os Beatles é que tinham feito uma versão em inglês de *Meu Bem*, transformando-a em *Girl*.

O rock brasileiro dos anos 80 seguiu o exemplo dos pioneiros e também pegou a onda de versões. Quando muito, a maioria das bandas obteve resultados desastrosos. Mas, às vezes, algumas versões se salvaram por causa da irreverência de seus criadores. Nisso, a banda João Penca e seus Miquinhos Ames-

trados é o melhor exemplo. O João Penca, com seu estilo sacana, típico dos anos 50, já teve a cara-de-pau de participar de um festival de músicas inéditas com uma versão. E venceu o festival. Eles também já fizeram o clássico *Johnny B. Goode* virar *Johnny Pirou* e o refrão da música, em vez de "vai, vai, Johnny vai, vai", foi "Traduzido" assim: "foi gol, gol do menção, foi gol".

Armação ilimitada - Quando as versões não soam "sinceras" como as do João Penca, pode crer: é puro oportunismo. Isso acontece nos discos de gente que não sabe cantar, como a dupla de "super-heróis" Juba e Lula. Tentando dar a volta por cima depois do fim do seriado *Armação Ilimitada*, Kadu "Juba" Moliterno e André "Lula" de Biasi lançaram um LP em 88, onde a base foram versões de músicas da banda americana Beach Boys, os "reis da surf music" (ritmo californiano que sacudiu as praias nos anos 60). O resultado das versões foi medíocre. Transformar *Surfin' USA* em *Surfe é o que eu sei*, *Help me Rhonda* em *Nessa Onda*, *Surfer Girl* em *Noites de Luau*, e *California Girls* em *Meu Chapá*, devia dar cadeia.

Os cantores sertanejos, como bons oportunistas, também embarcaram no trem das versões para fazer sucesso e encher os bolsos de grana. Beatles, Simon and Garfunkel, Neil Diamond, Elvis Presley, Elton John, e até Roxette e Jimmy Cliff, são algumas das "vítimas" que tiveram suas músicas vertidas para o português, mal e porcamente, pelos sertanejos.

A "versão sertaneja" mais curiosa foi gravada pela dupla As Mineirinhas. Elas gravaram uma versão de *Rebel in me*, de Jimmy Cliff, com uma pérola que serve de exemplo para mostrar um truque muito usado pelos compositores: "traduzir" o som e não o significado da palavra em inglês. Na gravação d'As Mineirinhas, o verso *bring love forever* virou "briga com ela", se encaixando "perfeitamente" na sonoridade da música de Cliff. É só cantar pra conferir.

O que acontece na música, ocorre também nos filmes. E essa tradicional e famigerada prática das versões, pode se espalhar por todas as áreas, correndo risco de chegar até mesmo ao jornalismo. Por isso, atenção. Até o texto que você está terminando de ler pode ser uma versão livre de alguma matéria de sucesso publicada num jornal de Liverpool. Nunca se sabe...

Alexandre Gonçalves



Beach Boys foram vítimas nas versões de Juba e Lula



Capa carta-de-baralho: adivinhe quem venceu?

Jornal português noticia fato com dois desfechos

Jornal é como um diamante, deve-se lapidar lentamente para lhe dar a forma. É o que está tentando a equipe do jornal lisboeta Diário de Notícias, fundado em 1864 e que vive a implantação de seu novo e bonito projeto gráfico. Nessa busca contudo, sua redação parece estar lapidando um brilhante, pois com a capa, reproduzida acima, contribui decisivamente para enriquecer o folclore de equívocos e desacertos jornalísticos do planeta. Alegando desvantagem diante do "imediatismo dos meios audiovisuais", sua Direção alertava que "os jornais defendem-se como podem e sabem" na *Explicação de uma primeira página*, publicada na página 8 (!). Como você está vendo (por favor, vire a nossa página de pernas para o ar) o Diário de Notícias ofereceu a seus leitores no dia 4 de novembro o inusitado: uma manchete verdadeira e uma opcional. O tema era o resultado da eleição para a presidência dos Estados Unidos. Não se sabe se por impaciência, problemas de fuso horário ou fechamento excessivamente precoce (como anda virando moda), brindaram seu atônito leitor com está pérola, melhor, brilhante. Não soa tão estranho para um país que só é governado

por vice-presidentes, mas dois presidentes eleitos é uma gracinha. Como diriam nossos nativos: não tem! Mas o "evento" não para aí.

Lançadas as manchetes, *Clinton eleito* ou, *Bush eleito* como um breve olhar circunstancial, abre-se um parêntese que você não lê e transcrevemos: "Advertência: este era um dos cenários possíveis à hora de fecho desta edição. Quando o leitor tiver o jornal nas mãos, tudo já estará esclarecido). Pior a emenda que o soneto. Então, o leitor que se vire e descubra a notícia correta pela mídia eletrônica ou nas conversas de botiquim? Por razões inexplicadas, o Diário de Notícias se exime do seu papel de informar?"

A ousadia foi cometida em nome de fato semelhante registrado por "um diário francês" há 11 anos que "confrontado com a dificuldade em saber atempadamente" se seria Giscard d'Estaing ou François Mitterrand o presidente eleito pelos franceses, brindou seus leitores com manchetes opcionais atribuindo o resultado a dois vencedores. Explica mas não justifica. Incurrer em erro alheio então... Pra finalizar; acompanham as fotos, "selos" com a inscrição Election/92. Explica essa Manuel.

SONZERA

by TOMMY TOMACCIO

Esse cara que está na capa levando uma bomba no meio da cara poderia muito bem ser você. Porque essa é a sensação que se tem ao escutar **Vulgar...** pela primeira vez: uma britadeira que não pára mais de ecoar dentro da cabeça. Já no seu sexto disco, a banda texana Pantera consagra uma fórmula

inaugurada no antecessor **Cowboys From Hell**, onde o peso e o timbre quase percussivo da guitarra de Diamond Darrel convivem numa boa com a velocidade do batera Vinnie Paul e a voz urrada de Phil Anselmo.

Criado em 83, o Pantera passou por várias maricagens até chegar na selvageria atual. (Será que é aquela teoria de que para ser homem tem que dar três vezes?) Bem, o fato é que seus primeiros discos, **Metal Magic**, **Projects In The Jungle** e **I Am The Night** soavam como os babacas do Poison, com direito a muito glamour e paetês. Nessa época, o vocalista da banda era um tal de Terry Glaze, que do nada surgiu e ao nada retornou sem alugar ninguém. Phil Anselmo, o careca que canta possuído, só chegou mesmo em 86, vindo do Razor White. Gravou **Power Metal**, um des-

PANTERA

Vulgar Display of Power



ses famosos discos de transição, e depois caiu de boca no hardcore. O resultado dessa salada de motivos truculentos pode ser conferido nos seus dois últimos discos (**Cowboys...** e **Vulgar...**), onde sobra porrada pra tudo quanto é lado.

Só para se ter uma idéia, o primeiro single desse

último lp, "This Love", é o tipo de coisa que quando rola regenera todos os pecados da Mtv. Uma balada feita sob medida para embalar os seus mais sombrios pesadelos. E olha que essa é a faixa comercial... Mais radical do que muita coisa considerada "maldita" de outras bandas. **Vulgar...** tem ainda "No Good (Attack The Radical)", um tiro na testa de quem acha que peso não tem ritmo, "Walk", bateção desligada numa levada clássica de heavy e "Mouth For War", que mete medo apenas com a introdução. Mas as mais escabrosas são "Fucking Hostile" e "Rise" - bateria estilo trator, guitarra serra elétrica, baixo inaudível e vocal mandando aquela carga. Com certeza, o Boris Casoy do telejornal **SCC O Estado** iria odiar um disco como este **Vulgar Display Of Power**. Ponto pro Pantera.

SUICIDAL TENDENCIES

The Art Of Rebellion



Oitavo disco da banda californiana que já foi uma das mais cultuadas pelos skatistas, ensaiou um flerte com o rap e o desgastado funk metal e agora, com *The Art Of Rebellion*, pega tudo e dilui num lp difícil de rotular. Nos trabalhos anteriores do Suicidal,

o fã mais engajado imaginava o que viria - era pauleira, faixa por faixa. Nesse, quando acaba uma música e fica aquele silêncio de dois ou três segundos, o neguinho se apavora. A próxima sempre surpreende.

Mas *The Art...*, com suas esquisitices, não chega a preocupar os *suicidalmaniacos*. Sons como "Gotta Kill Captain Stupid" e "It's Going Down" são porradas que fazem desabar qualquer *half pipe* ou *bowl*. Mike Muir continua cantando com sua poderosa voz fraca e, pelo que parece, está perdendo seu posto de showman da banda para o baixista Rob Trujillo. Com o Infectious Grooves - banda paralela que montou com Muir mais o batera

do Jane's Addiction fundindo um pouquinho de funk ali e um pesinho acolá - Trujillo detonou ritmos que não caberiam no som duro do Suicidal.

Pô, porque não aproveitar melhor um baixista tão legal? Unindo o útil ao agradável, ele agora põe mais melodia e balanço nesse disco, tornando-o quase pop em algumas músicas, como "I Wasn't Meant To Feel This/Asleep At The Whell" e "Monopoly Of Sorrow". Mais estranha ainda é "I'll Hate You Better", onde é impossível reconhecer o velho Suicidal fazendo funk chapaceira com refrão pegajoso. Ideal para pegar aqueles que se acham entendidos.

Todas as matérias são trechos extraídos do inigualável, colossal e legítimo



Pignatari polemiza durante palestra na UFSC

Professor ataca estagnação cultural do País

O escritor e poeta Décio Pignatari veio a Florianópolis para participar da 3ª Semana de Cultura da UFSC. Na abertura da Semana, ele falou sobre "Tecnologia, competência e cultura: Brasil".

No mesmo dia, Pignatari, professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, deu palestra sobre o tema "Arquitetura Projeto Cultura". "Tento fazer a crítica da arquitetura em um país que não tem crítica", garante. "Os arquitetos brasileiros conseguem debater durante horas sobre o mercado, mas há mais de dez anos não discutem idéias arquitetônicas". Pignatari escreveu várias obras nos últimos anos. Entre elas, *Teoria da Poesia Concreta*, *O Rosto da Memória*, *Semiótica da Arte e Arquitetura*, *Informação, Linguagem e Comunicação* e *Contra-comunicação de Massas*, que será lançado brevemente.

Nesta entrevista, Décio Pignatari fala sobre Universidade e Cultura.

Zero - O que você acha da massificação da cultura na atual realidade brasileira?

Pignatari - Os meios massificam porque eles surgiram para atender à massa, eles exigem a massa. Mas é necessário ter um mínimo de defesa contra os efeitos perversos da massificação. É preciso ler livros, assistir filmes, ver dança, praticar esportes para ter um escudo contra a invasão excessiva dos meios de massa. Esses meios vivem em função do mercado, e para que o povo não seja mero mercado ele deve ter meios de defesa. O erro não está no mercado, no consumo. O erro está no excesso, no consumismo exagerado, inútil e predatório. Para evitar esse mal, é necessário ter informações de outro tipo, políticas, ideológicas e culturais, que funcionem como an-

tídotos a esse consumismo.

Zero - Com a atual crise na educação brasileira, a universidade tem ainda algum papel nesse panorama cultural?

Pignatari - O universo da escola, da universidade tende a ganhar sempre mais importância. Mesmo que ela esteja estruturada de um modo arcaico. Mesmo que amanhã você possa ficar sem casa e ser universitário sem precisar ir à universidade. E evidente que a universidade representa os núcleos de elite do saber avançado, dos projetos e comportamentos avançados. Mas ela tende a ter cada vez mais força, embora esteja sendo tratada tão mal. O dinheiro investido na educação brasileira, especialmente na universidade, é ridículo. É preciso multiplicar esse valor por cinco ou seis vezes, sacrificando outros setores, os chamados de "obras".

Zero - E o empreguismo nas instituições universitárias?

Pignatari - Sobre isso, tenho falado muito. O empreguismo existe em todas as universidades, tanto em São Paulo como aqui. Só nos últimos anos, as principais universidades paulistas contrataram, cada uma delas, mais de 10 mil funcionários não-docentes. Em consequência, 90% dos recursos vão para a folha de pagamentos. Desse modo não é possível ter professores bem pagos e investimentos em equipamentos e pesquisa. Depois esses contratos - ineficazes e incompetentes - ganhando tão pouco, fazem greve. E a culpa não é deles. É desse sistema horrível e perverso.

Zero - E a arquitetura brasileira? Você diz sempre que ela parou há mais de vinte anos?

Pignatari - Parou mesmo! A arquitetura brasileira não conhece outra realidade a não ser esta do concreto e do vidro. Não há novos pensamentos, não têm surgido novas idéias. Na Argentina, sim. Hoje, o grande núcleo de atualização no pensamento arquitetônico é Buenos Aires. O Brasil não está com nada.

Jaime Moraes

Set consagra Famecos mas transpira desorganização

Os estudantes de Comunicação Social dos três estados do Sul do Brasil e da Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai puderam mostrar sua produção laboratorial entre os dias 20 e 22 de outubro em Porto Alegre (RS), no 5º Set Universitário — Festival de Laboratórios de Comunicação do Cone Sul. A promoção é da Faculdade dos Meios de Comunicação (Famecos) da PUC gaúcha e tem o patrocínio da Rede Brasil Sul de Comunicação — RBS.

O Set é o único evento brasileiro nesse estilo. Esse ano, toda sua campanha publicitária, feita como sempre pelos alunos da Famecos, foi baseada em tubos de desodorante e teve um slogan homenageando "o 1% de inspiração e os 99% de transpiração" gastos para a realização de um bom trabalho.

Ao todo foram inscritos 683 trabalhos, concorrendo a 22 prêmios em nove categorias diferentes. As mais concorridas foram fotojornalismo preto e branco, com 94 trabalhos e crônica, com 84 inscritos. Os trabalhos foram julgados por um grupo de 68 jurados, formado por profissionais do Rio Grande do Sul. Eles puderam ser conferidos pelos quase 300 estudantes que circularam pela Famecos participando do Set, através de exposições realizadas durante o evento.

A programação também contava com outras atividades. Todos os dias aconteceram palestras, debates e oficinas em diversas áreas de interesse da Comunicação — Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas e Turismo. Mas apesar de toda a estrutura montada pela comissão organizadora, foi impossível evi-



Prêmio deste ano



tar alguns transtornos durante o evento. A programação não foi divulgada com antecedência e os estudantes, sob muita reclamação e em longas filas, tiveram que fazer suas inscrições na véspera de realização das oficinas. Além da falta de vagas, muita gente também reclamava que várias atividades estavam ocorrendo ao mesmo tempo e obrigavam os interessados a optar

por apenas uma.

Quem Ganhou — Os estudantes puderam ficar sabendo o que estava acontecendo no Set através do *Experiência*, jornal-laboratório da Famecos, que durante o vento saiu em edições diárias, dando a programação do dia e uma síntese do que ocorreu no dia anterior. Mas o ponto alto do Set foi a premiação, que aconteceu na última noite no Salão de Atos da PUC. Os vencedores receberam troféus, certificados e um tubo de desodorante "pelos 99% de transpiração".

A maioria dos prêmios acabou ficando em Porto Alegre mesmo. Dos 22, a Famecos abocanhou 16. A Universidade Católica de Pelotas ficou com dois prêmios, em reportagem e crônica e a Universidade Luterana do Brasil, de Canoas, ganhou em Peça Gráfica Publicitária. Os argentinos conseguiram sair do Set com um prêmio, em Campanha Publicitária, para a Universidade Del Salvador e a Universidade Federal de Santa Catarina conquistou dois troféus, em Foto Experimental Preto e Branco e Peça Gráfica Jornalismo, através do jornal Zero.

A última premiação feita na noite, Peça Gráfica Jornalismo, já era uma das mais esperadas no Set. É o quinto ano consecutivo que o zero ganha esse prêmio. Esse ano, o número premiado foi uma edição sobre quadrinhos, o *Zero-Zine*, que deu motivos de sobra para que os alunos do Curso de Jornalismo da UFSC, responsáveis pela elaboração do jornal, invadissem o palco do Salão e Atos da PUC para comemorar a vitória.

Nelson Correia

Dois empates emperram CA

Dois empates. Esse foi o resultado inesperado na eleição para a diretoria do Centro Acadêmico do Curso de Jornalismo. No primeiro turno, três chapas disputaram a vaga: *Filhos da Pauta II*, com a participação de membros da atual gestão, *Kibutz*, formada pelos alunos da segunda fase e a chapa *ÉÉÉÉÉ*, composta por formandos do curso.

O primeiro turno da eleição foi no dia 11 de novem-

bro e dos 164 alunos do curso, 105 votaram. O resultado foi o empate entre as chapas *Filhos da Pauta II* e *Kibutz*, em 44 votos. A chapa *ÉÉÉÉÉ* ficou com apenas 13 votos. Os representantes das chapas majoritárias, Nelson e Jaime, afirmam que o resultado da eleição foi positivo, pois mostrou equilíbrio e semelhança entre as propostas apresentadas em campa-

nya. A chapa *ÉÉÉÉÉ*, que só entrou para polemizar, achou a eleição democrática, com um resultado inesperado.

No dia 17 de novembro, ocorreu o segundo turno. Novo empate; desta vez foram 53 votos para cada chapa. Diante do impasse foi sugerida a abertura de novo processo eleitoral ou a votação em assembleia geral para os representantes do CA.

“Filmes dos anos 70 são um lixo”

Para Sganzerla Brasil perdeu sua identidade

O cineasta Rogério Sganzerla participou do debate *Continuidade e descontinuidade no Cinema Brasileiro*, no dia 9 de novembro, durante a 3ª Semana de Cultura da UFSC. Durante o debate, ele analisou a evolução do cinema brasileiro e falou sobre seus projetos futuros.

Sganzerla considera fundamental que o cinema se preocupe em buscar a identidade e o autoconhecimento do povo brasileiro para criar um vínculo com as multidões. “Só com criatividade o Brasil poderá reproduzir artisticamente o que há de melhor em sua cultura: a música, o esporte, a intuição e a espontaneidade, típica do jeito de ser brasileiro”. Embora exista um padrão estético internacional, o Brasil tem a sua cor, sua identidade.

Para ele, o cinema já foi um processo de expansão cultural.

Mas, aos poucos, foi sendo mutilado até perder a expressão da cultura brasileira. “O cinema brasileiro vinha numa evolução gradativa, desde a década de 50, com as chanchadas de Oscarito e Mazaropi e com o trabalho nos estúdios da Vera Cruz em São Paulo e da Cinédia e Atlântida no Rio de Janeiro.”

No final da década de 60, com a implantação do AI-5, “fecharam-se as portas” para o cinema de transformação e começou-se a produzir pornô-chanchadas, que marcaram toda a década de 70. “O ato institucional nº 5 representou a descontinuidade do cinema brasileiro e das artes em geral”, analisa Sganzerla.

Além disso, avaliou a política de distribuição de filmes brasileiros. “No Brasil não existe uma reserva de mercado para os filmes nacionais e o povo brasileiro sofre influência da cultura televisiva. Perdeu-se aquela nostalgia de levar a namorada ao cinema, estacionar o carro, enfrentar fila, comer pipoca. Hoje em dia, as pessoas preferem ficar em casa, assistindo os filmes em vídeo ou na televisão.”

Todos os participantes do de-



Cristina Gallo - Zero

“Saída é criatividade”

bate concordaram que deve ser criada, juntamente com uma política de distribuição de filmes

para o cinema, uma política de distribuição de filmes em vídeo para a televisão. “O importante é não deixar de produzir”, ressaltou Sganzerla.

O professor José Gatti do curso de Jornalismo, presente no debate, levantou a questão de que muitos críticos de cinema consideram os filmes brasileiros agressivos, violentos e apelativos. Eles apontam, também, que a saída da crise do cinema nacional é a renovação dos temas para um cinema de entretenimento.

Sganzerla concordou que o cinema brasileiro explorou temas agressivos, violentos e apelativos com frequência. Mas acha que isso, também, é válido. Para ele, um filme só não pode ser chato e mau-humorado, como a maioria dos filmes da década de 80. “Dos filmes brasileiros produzidos nos anos 70 e 80, quase tudo é lixo: não dá para entender os diálogos, as comédias não têm graça, a atuação dos atores é péssima”, critica.

A única solução para a crise do cinema nacional, apontada por Sganzerla, está na criatividade e na eficiência da formação técnica, artística e cultural dos

cineastas. Com isso, ele acredita que a sensibilidade e o interesse pelo cinema aumentará.

Filmografia vasta - Catarinense de Joaçaba, Sganzerla foi premiado com os filmes *O Bandido da Luz Vermelha* (em 68) e *A Mulher de Todos* (69). Dirigiu também *Copacabana*, *Mon Amour* (70), *O Abismo* (77) e *Nem Tudo é Verdade* (85). Seu último trabalho foi o filme *Isto é Noel Rosa*, lançado em vídeo durante a 3ª Semana de Cultura da UFSC.

Agora, Rogério Sganzerla pretende filmar a sua versão da guerra do Contestado, conflito que matou 25 mil pessoas em Santa Catarina, devido a disputas de terra. O roteiro do filme foi escrito pelo próprio cineasta em 1961, quando ele tinha 13 anos.

Sganzerla conversou com o governador Wilson Kleinübing, no dia nove de novembro e foi manifestado interesse, mas o estado não lhe dará apoio financeiro para a realização do projeto. A viabilidade do filme está sendo estudada com a Fundação Catarinense de Cultura.

Luís Carlos Festi

Desterro retrata tirania de Floriano Peixoto

Depois de ficar inacabado por quase dois anos, o filme *Desterro*, de Eduardo Paredes, que resgata um capítulo importante da história de Santa Catarina, chega ao público premiado e reconhecido pela crítica. Mas poucas pessoas sabem as dificuldades que essa produção enfrentou.

Em sua primeira exibição, como único representante catarinense no Festival Ibero Latino-americano de Gramado, o curta acabou trazendo o troféu *Kikito* de melhor fotografia para Peter Lourenço.

Mas o grande responsável pela primeira fita de 35 milímetros rodada em Florianópolis nos últimos 40 anos é o jornalista e cineasta Eduardo Paredes. Para ele, o prêmio de fotografia representa o esforço de todos os que participaram desse trabalho. Com o sucesso em Gramado, o filme foi selecionado para participar de festivais internacionais como o de Havana e Caracas.

Desterro é um curta-metragem de 18 minutos que conta a história, registrada no livro *Nossa Senhora do Desterro*, de Osvaldo Rodrigues Cabral, de um burocrata republicano e um jornalista revolucionário e federalista que são inimigos políticos.

A história se passa em 1894, em Desterro e (depois Florianópolis) e tem como pano de fundo a prisão e o fuzilamento, sem nenhum direito de defesa, de mais de cem opositores do

regime na Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim - Ilhote de Florianópolis. Tudo aconteceu por ordem do então presidente da República Marechal Floriano Peixoto. A partir daquela data, a cidade o homenageou com seu nome: Florianópolis - Cidade de Floriano.

Conforme Paredes, “os grandes personagens desse filme são o *Desterro* e o seu povo, que submeteu-se a suprema humilhação de entregar o nome da cidade a seu maior carrasco, para poder dar fim ao horror que estava vivendo”. O cineasta destaca ainda a importância de tornar o filme acessível ao grande público e principalmente aos jovens, “para que o povo se conscientize de sua história e não permita que ela se repita”.

Projeto dificultado - A produção do filme mobilizou uma equipe de 120 atores e 50 técnicos e trouxe nomes reconhecidos como os dos protagonistas Gracindo Júnior e Luís Melo, do grupo *Macunaíma* de São Paulo. Todos ficaram sob a direção do cineasta estreado que apostou emprego, carro e dinheiro no trabalho.

Ao ser premiado pela Secretaria de Cultura do Estado, em 89, o roteiro, também de Paredes, se tornou o aval na busca do patrocínio para cobrir os gastos do projeto que, na época, estava orçado em US\$ 30 mil.

Em julho de 90, foram rodadas as cenas que utilizavam o elenco principal. Logo as filma-



Curta-metragem mostra perseguição política

gens absorveram os 20 mil dólares obtidos pela Prefeitura de Florianópolis e com o banco Bamerindus e todo o dinheiro do bolso do diretor. Com o fim das verbas, o filme ficou parado até fevereiro deste ano, quando o governador Wilson Kleinübing e, novamente o Bamerindus, investiram em sua finalização.

Sobre o ressentimento dos ilhéus quanto à equipe formada por algumas pessoas de fora,

o diretor afirma que não quis se prender ao bairrismo e preferiu buscar mais qualidade. Muitos profissionais do estado trabalharam no projeto, tanto no elenco como na parte técnica. Mesmo assim, Paredes percebeu muita censura. Considera o resultado final da obra como a resposta a todo o “patrulhamento” em torno da equipe que montou.

Fora dos festivais, o filme está sendo visto e sempre aplau-

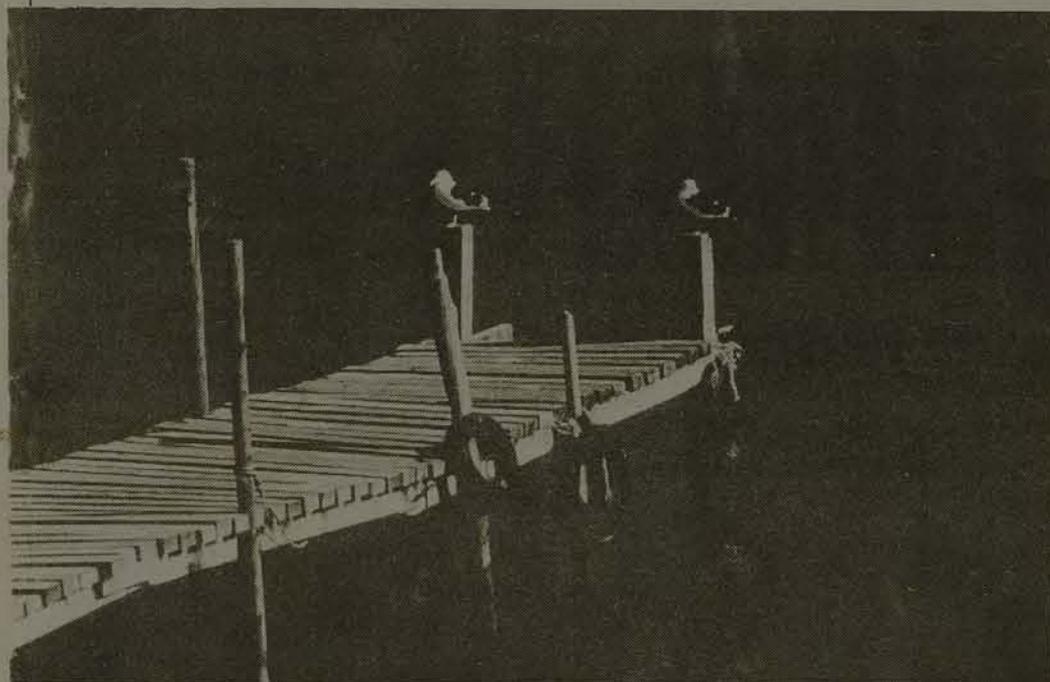
dido em salas alternativas de cinema. Em breve estará também disponível em vídeo. Paredes atribui o entusiasmo do público em relação ao filme com a revolta gerada pelo fato histórico. “Esse assunto toca muito fundo as pessoas da ilha e, além disso, há a identificação com os lugares em que as cenas foram filmadas, como o Mercado Público e o Pântano do Sul”, finaliza.

Suyanne Quevedo

Magia

Ele começou na fotografia aos 15 anos, quando o pai lhe deu um filme para concluir. Não parou mais e com uma câmera nova deu início a uma trajetória que começou em formaturas, olimpíadas do colégio e o fotojornalismo. Dia 1º de dezembro, depois de expor estas e outras fotos, todas a cores, no bar Ponto de Vista e, com uma experiência acumulada de cinco anos na revista Inside e um ano no Zero, Victor Carlson reinaugura sua mostra *A Magia da imagem*, no hall da Reitoria.

São 15 fotos, formato 30x45 cm, que retratam pontos conhecidos ou despercebidos de Florianópolis. Recheadas de contrastes ou degradê, as fotos de Victor revelam o extremo cuidado com a luz e sua influência sobre o resultado final colorido. Uma boa estréia, acessível até 15 de dezembro.



A onda bem esculpida da praia do Campeche. As gaivotas e o perfil da avenida Beira-Mar Norte



Alvos para o fotógrafo atento: canoas da Lagoa da Conceição e o Mercado Público



ZERO